

Memórias e narrativas das grotas de Maceió -

pelo olhar das juventudes





 **Memórias
e narrativas
das grotas
de Maceió -** 
pelo olhar das juventudes

OUTUBRO DE 2023

A Organização das Nações Unidas propõe, desde os anos 2000, agendas globais com objetivos e metas mensuráveis para promover a prosperidade enquanto protegemos o nosso planeta. Desde 2015, esse trabalho tem sido realizado a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos na Agenda 2030, um plano de ação global criado para erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e promover vida digna a todos e todas, dentro das condições que o planeta oferece e sem comprometer a qualidade de vida das próximas gerações.

Posteriormente, em 2016, a Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III) estabeleceu a Nova Agenda Urbana (NAU), documento que serve de orientação para ações que visam padrões globais de desenvolvimento urbano sustentável, repensando a forma como construímos, gerenciamos e vivemos nas cidades.

A NAU representa uma visão compartilhada para um futuro urbano melhor, em que todas as pessoas tenham direitos e acessos iguais aos benefícios e oportunidades. Considerando a relevância do protagonismo dos estados e municípios para o cumprimento de ambas as agendas, o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), agência da ONU que atua há mais de 20 anos em prol do desenvolvimento urbano social, econômico e ambientalmente sustentável, trabalha diretamente com esses atores para aproximá-los dessas temáticas.

Foi com esse intuito que, em 2017, firmamos um Acordo de Contribuição com o Governo do Estado de Alagoas, que resultou no Visão Alagoas 2030. Com mais este projeto, esperamos colaborar para o desenvolvimento de uma visão de futuro para Alagoas, que amplie as possibilidades para as suas mais diversas comunidades, sem deixar ninguém e nenhum território para trás.

A seguir, apresentamos as memórias e narrativas produzidas pelas juventudes das grotas de Maceió no Programa Digaê! — Juventudes, Comunicação e Cidade. Agradecemos as pessoas e instituições que estiveram conosco neste trajeto e desejamos uma boa leitura!

ACOMPANHE O ONU-HABITAT NAS REDES SOCIAIS!

 [@ONUHABITATBRASIL](https://www.instagram.com/ONUHABITATBRASIL)  [@ONUHABITATBRASIL](https://www.youtube.com/ONUHABITATBRASIL)  [@ONUHABITATBR](https://twitter.com/ONUHABITATBR)

Observar, planejar e trabalhar para construir uma sociedade mais justa é a principal diretriz de todos que fazem o Governo de Alagoas. Cientes de uma história secular de pobreza, o Estado, a iniciativa privada e a sociedade em geral têm um compromisso de reverter quadros de desigualdade social. Um compromisso que surge de dois tipos de observação: a do dia a dia, do contato, das nossas caminhadas por todos os 102 municípios, mas também um compromisso alicerçado na análise de dados e no trabalho de competentes profissionais que estão envolvidos na construção de políticas públicas que tornem nosso estado menos desigual.

Ninguém é capaz de fazer uma transformação deste porte sozinho, sem escutar, sem estudar, sem parcerias como esta que temos com o ONU-Habitat. Um trabalho que é referência para o mundo, mas, antes de tudo, é referência para milhares de alagoanos que já tiveram suas vidas melhoradas por este olhar, por este planejamento, por este trabalho para garantir uma vida com acesso aos serviços públicos.

Porém, é importante frisar que o nosso compromisso não é com o que já foi feito. Nosso compromisso está apontado para a mudança da realidade que ainda não pôde ser transformada, mas que será e que é para já. A partir da observação e análise dos dados desta realidade, nós, servidores e gestores públicos, vamos garantir uma série de políticas para dar autonomia a jovens e adultos, proteção às mulheres e crianças, segurança aos pais e mães de família, oportunidades aos micro, pequenos e médios empreendedores.

A construção dessas políticas perpassa, primordialmente, por produtos deste tipo, que não só balizam a tomada de decisões, como contribuem para a manutenção e o aprimoramento das práticas que permeiam a gestão pública.

Observando, planejando, trabalhando muito, alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, nós vamos mudar a vida de milhares de alagoanos e cumprir a missão que o povo nos confiou.

ACOMPANHE O GOVERNO DE ALAGOAS!

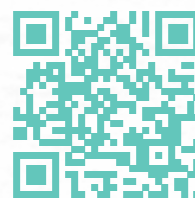
 ALAGOAS.AL.GOV.BR  [@GOVERNODEALAGOAS](https://www.instagram.com/GOVERNODEALAGOAS)

Visão Alagoas

Visão Alagoas 2030 é um projeto de cooperação técnica entre o Governo de Alagoas e o ONU-Habitat. Iniciado em 2017, o seu principal objetivo é fortalecer a prosperidade urbana sustentável e inclusiva de Alagoas, por meio da produção de dados e informações e da elaboração de estratégias de ação para qualificar as políticas públicas, planos e ações estaduais.

O Projeto estrutura-se em três eixos de implementação:

- 1. DADOS E INFORMAÇÕES**
Construção de indicadores, mapeamentos e diagnósticos
- 2. ESTRATÉGIAS E SOLUÇÕES**
Elaboração de planos, diretrizes e recomendações
- 3. CAPACIDADES E OPORTUNIDADES**
Realização de capacitações, intercâmbios e projeção internacional e nacional



CLIQUE OU
ESCANEIE
O QR CODE
PARA SABER
MAIS!

Ficha técnica

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS

Paulo Suruagy do Amaral Dantas
(2023 - Atual)
José Renan Vasconcelos Calheiros Filho
(2015 - 2022)
Governador do Estado

Ronaldo Augusto Lessa Santos José Wanderley Neto
(maio a dezembro - 2022)
José Luciano Barbosa da Silva
(2015 - 2020)
Vice-governador

Renata dos Santos
(2022 - Atual)
George André Palermo Santoro
Secretária/o de Estado da Fazenda

Gabriel Albino Nepomuceno Renata dos Santos
(2022 - 2023)
Fabício Marques Santos
(2017 - 2022)
Secretários/a de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio

Mosart da Silva Amaral
Secretário de Estado do Transporte e Desenvolvimento Urbano

Alcides Jerônimo Almeida Tenório
Secretário Especial de Obras

Andreia Nunes Estevam
Secretária Especial de Planejamento e Desenvolvimento Urbano

Marina Dantas
Coordenadora-geral do Vida Nova nas Grotas

Larissa Rocha | Susan Brito | Thiago Souza, Cássio Costa | Juliana Amorim | Camila Bockhorny
Equipe Técnica

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS (ONU-HABITAT)

Alain Grimard
Representante para o Brasil e Cone Sul

Rayne Ferretti Moraes
Oficial Nacional para o Brasil

Ana Elisa Larrarte
Coordenadora de Programas

Fábio Donato | Julia Caminha | Laura Collazos | Tiago Marques
Analistas de Programas

Gabriel Vaz de Melo
Analista de Dados

Aléxia Saraiva
Analista de Comunicação

Thayane Massopust
Assistente de Comunicação

Camila Nogueira
Designer Gráfica

Claudia Bastos de Mello
Especialista Financeira

Adriana Carneiro | Vanessa Santos | Carolina Oliveira
Analistas de Operações

Jessica Blanco
Assistente Administrativo

Equipe técnica do projeto

Alex Rosa
Coordenador de Programas

Angélica Carnellosso | Fernanda Balbino | Paula Zacarias
Analistas de Programas

Bethânia Boaventura | Mariana Nascimento
Assistentes de Programas

Harlan Silva
Analista de Dados

Júlio dos Santos
Assistente de Dados

Minne Santos
Assistente de Comunicação

Sávio Silva
Designer Gráfico Júnior

Ficha técnica

PÓLIS - INSTITUTO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E ASSESSORIA EM POLÍTICAS SOCIAIS

Henrique Frota
Margareth Uemura
Danielle Klintowitz (in memoriam)
Diretoria Executiva

Fernanda Accioly Moreira
Secretaria Executiva

Gisele Balestra
Coordenadora Administrativa e Financeira

Anna Luiza Salles Souto | Cassia Caneco
Equipe Técnica

VIRAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO

Paulo Lima
Diretor

Ellen de Paula
Coordenadora Executiva

Jéssica Rezende
Coordenadora de Projetos

Monise Berno
Coordenadora de Comunicação

Patrícia Góis
Coordenadora Administrativa

Equipe técnica do projeto

Vania Correia
Coordenadora

Tarcísio Camêlo
Analista de Projetos

Roberto Silva | Viviane Rodrigues
Educomunicadores

Ábia Martin | Alvandy Frazão | Amanda Mõa | Geysson Santos | Janderson Felipe da Silva Tavares | Lucas Litrento | Lucas Rafael | Maysa Santos | Milla Pasan | Paulo Accioly | Roger Silva | Wanessa Oliveira
Oficineiros e mentores convidados

Esta publicação foi criada a partir de um processo coletivo educacional e contou com a participação de adolescentes e jovens do **Programa Digaê! – Juventudes, Comunicação e Cidade.**

Maria Cristina Guimarães Ramalho
Revisão de texto

Minne Santos | Governo de Alagoas | arquivo Digaê! e arquivo moradores.
Fotos da publicação

Silvana Martins - Estúdio Aruêra
Projeto gráfico e diagramação

CO-AUTORES

Jovens mobilizadores e mobilizadoras

Caetano Vinicius dos Santos Santana
Eloisa Silva dos Santos
Felipe Berle Bezerra de Melo
Giselle Ketly Mariano Almeida dos Santos
Jadysen Arthur da Silva
Josias Brito da Silva (in memoriam)
Juliana dos Santos da Paz
Kauane Karoline dos Santos
Leonardo da Silva Pereira
Maria Eduarda Vieira Toledo
Maria Victória Apolinario da Silva
Quézia Ester Ferreira Barros

Jovens participantes do ciclo 1

Anastácia de Omena Nascimento
Andrey Fábio Belo de Santana
Antônio Givaldo dos Santos
Camilly Gabrielly Belo dos Santos
Cauê Leonard Inbuzeiro de Moraes
Daniilo dos Santos Matias
Dawisson Daniel dos Santos Silva
Éder Gabriel Silva Santos
Elis Franciele Soares da Silva
Emily Kelly Silva dos Santos
Fabiana da Silva Santos
Faylane da Silva Santos
Gabriel Richard Diniz Mendes
Gilvanna Roberta Da Silva Salgueiro
Iasmin Vitoria da Silva Santos
Jaciele Silva Santos
Jhonata Costa de Oliveira Silva
Jonhy Allerhandro Silva Menezes
Laise Santos de Araújo
Luis Otávio Valentim dos Santos

Expediente

Mikael Kaio Carneiro da Silva
Mirelly Vitória Silva dos Santos
Nara Santos Vanderlei
Nia da Silva Pinto
Raissa Beatriz Bernardes de Mendonça
Rauane Kaylane da Silva
Rayssa Vitória Pereira do Nascimento
Rebeca dos Santos Dias
Stefany Karolani Farias Dos Santos
Taynara Gabriella Carneiro
Thales Gabriel Carneiro Guimaraes

Jovens participantes do ciclo 2

Ana Beatriz Ramos de Lima
Antony Gabriel Mota Melquiades
Arthur Felipe Santos Vieira
Cecília Victória Silvino Guedes
Débora Marques do Nascimento
Ellanderson de Lucas Freitas Vasconcelos
Ester da Silva Alves dos Santos
Fellipe da Motta Ferreira
Gabriel da Silva Nascimento
Giovana Carine Lima dos Santos
Guilherme Pablo Da Silva Amâncio
Izabelly Monteiro dos Santos Costa
Jamille de Araujo da Silva
João Pedro Avelino do Nascimento
Laura Vitória Da Silva
Laura Yasmin Marinho Nascimento
Layla Maria Dos Santos
Letícia Cabral da Silva
Lucas André Silva Santos
Lucas Santos Aureliano
Luiz Gustavo Macena Souza
Manoel João dos Santos Junior
Manuel Juvino da Silva
Márcio Vinicius Passos dos Santos
Marcos Victor Ferreira de Oliveira
Maria Beatriz dos Santos
Maria Isabele da Silva Ramos
Maria Luciana Silva dos Santos
Maycon Douglas Severiano França
Mikael Wanderson Guimarães da Silva
Paula dos Santos Rodrigues
Raiane de Lima Silva
Rayssa Evelyn Ferreira dos Santos
Robson Carlos da Silva Junior
Silvia Rafaelly Oliveira Tavares
Tanoany Eduarda de Macena Silva
Vagner Jardilan Silva
Wellington da Silva



Comprometemo-nos a aproveitar o bônus demográfico urbano, onde aplicável, e a promover o acesso dos jovens à educação, à capacitação e ao emprego, para alcançar maior produtividade e prosperidade partilhada em cidades e assentamentos humanos. Meninas e meninos, jovens mulheres e homens são agentes de mudança fundamentais na criação de um futuro melhor e, quando empoderados, têm grande potencial para defender seus próprios interesses e os de suas comunidades. Garantir mais e melhores oportunidades para sua participação efetiva será essencial para a implementação da Nova Agenda Urbana¹.



¹(Nova Agenda Urbana, 2016)

**CLIQUE OU
ESCANEIE PARA
CONHECER A
NOVA AGENDA
URBANA.**

<http://tiny.cc/j5z9vz>



Sumário

- 16 **CONHECER PARA TRANSFORMAR — A REALIDADE DAS GROTA DE MACEIÓ**
- 18 **DIGAÊ! UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILIZAÇÃO DAS JUVENTUDES DAS GROTA**
- 24 **ESPERANÇAR COM AS JUVENTUDES**
- 32 **NÓS POR NÓS SER JOVEM NAS GROTA**
- 36 **DIREITO À CIDADE — O DIGAÊ! E A VALORIZAÇÃO DA VIDA NAS GROTA**
- 41 **À DERIVA NA CIDADE**
- 42 **SONHAR UM FUTURO PARA AS GROTA**
- 44 **NÓS POR NÓS OLHARES PERIFÉRICOS**
- 48 **VIVÊNCIAS NAS GROTA — MEMÓRIA, LUTA E AFETO**

- 90 **O SOM DAS GROTA**
- 91 **NÓS POR NÓS EXPRESSÃO JUVENIL**
- 94 **MENINO DA VILA, MENINO DA ONU**

- 51 **GROTA VILA EMATER II**
A vida antes e depois do lixão
- 54 **GROTA DO ARROZ**
Maracatu e resistência cultural
- 56 **GROTA DA BANANEIRA**
“A gente tá perto de tudo”
- 58 **GROTA ALDEIA DO ÍNDIO**
Formando agentes de transformação
- 60 **GROTA DO MOCAMBO**
“O que todo mundo quer é ter uma casinha”
- 62 **GROTA DO SÃO JORGE**
“Um ajuda o outro”
- 63 **GROTA DAS PIABAS**
“O mais importante são as pessoas”
- 64 **GROTA FLEXAL DE CIMA**
Entre inversos e resistências
- 66 **GROTA CHÃ DE BEBEDOURO**
Olha o bonde do Bebedouro!
- 68 **GROTA DO RAFAEL**
A gente não faz nada sozinho
- 70 **GROTA DO ANTARES**
Entre o sonho e a esperança
- 72 **GROTA DO CIGANO**
“Você nunca mais vai esquecer”
- 74 **GROTA DA CAVEIRA/
GROTA DA ALEGRIA**
Histórias de lutas
- 76 **GROTA DO CANAÃ**
Rimando com a resistência
- 78 **GROTA DO MOREIRA**
Memórias de amor e luta
- 80 **GROTA DA MACAXEIRA**
Solidariedade e organização popular
- 82 **GROTA VALE DO REGINALDO**
“Viver sossegado no canto que a gente mora”
- 84 **GROTA DO ARY**
“Minha família e tantas outras se aquilombaram no morro do Ary”
- 86 **GROTA DA AMIZADE**
Fazer o bem sem olhar a quem
- 88 **GROTA MONTE AZUL**
A vista mais bonita de Maceió

Apresentação

A coletânea multimídia **Memórias e Narrativas das Grotas de Maceió — Pelo Olhar das Juventudes** é a consolidação do trabalho construído com 81 jovens de 32 grotas ao longo de um ano de atividade do Programa Digaê! — Juventudes, Comunicação e Cidade, realizado pelo Governo do Estado de Alagoas, em parceria com o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), o Instituto Pólis e a Viração Educomunicação, no âmbito do projeto Visão Alagoas 2030.

O Digaê atuou para fortalecer e engajar as juventudes das grotas a intervirem em seus territórios a partir de processos e produtos de comunicação. Assim, criou oportunidades tanto para a produção e a disseminação de narrativas juvenis que superem a invisibilidade e a estigmatização, quanto para o resgate e a valorização das memórias das grotas.

O resultado desse processo está sistematizado aqui na coletânea de Memórias e Narrativas das Grotas. A primeira parte da publicação apresenta o contexto de implementação, metodologia e as principais ações e resultados do Digaê! — uma experiência inspiradora para a ação com as juventudes.

Na sequência, o texto conduz a uma reflexão sobre a realidade juvenil e o direito à cidade, sempre em diálogo com as produções multimídias criadas pelos jovens que expõem suas ideias e inquietudes acerca de temas centrais para a vida nas grotas. A última parte reúne um conjunto de memórias sobre algumas das grotas de Maceió, construído a partir do relato de moradoras e moradores ouvidos pelos jovens e educadores do programa.

Em síntese, a coletânea organiza o legado do Digaê! e contribui para evidenciar a perspectiva das juventudes sobre histórias, lutas e conquistas destes territórios, com foco na disseminação de um olhar das grotas sobre as grotas. Boa leitura!

Conhecer para transformar

– A Realidade das
grotas de Maceió

² PNUD; Fundação João Pinheiro; IPEA. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2010.

³ Na definição do IBGE, os aglomerados subnormais são as “ocupações irregulares de terrenos para fins de habitação em áreas urbanas e que, em geral, são caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos básicos e localização em áreas restritas à ocupação”. Sendo elas chamadas de favelas, comunidades, vilas, grotas, palafitas e outras denominações, que variam de acordo com a região do país. Saiba mais em <http://tiny.cc/ahw9vz>

⁴ IBGE, 2010 e 2022; ONU-Habitat, 2018.

⁵ ONU-Habitat, 2018.

Localizado na região Nordeste, o estado de Alagoas está dividido em 102 municípios e possui 3.127.511 habitantes (IBGE, 2022). Historicamente marcado por desigualdades socioeconômicas, apresenta o pior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil (0,631), sendo que cerca de 60% da sua população é vulnerável à pobreza² e 16,6% vive na extrema pobreza.

Em 2022, a capital Maceió abrigava 957.916 habitantes, cerca de um terço da população do estado, e, em 2010, 12% viviam em aglomerados subnormais³, sendo cem deles localizados nas grotas⁴.

Grotas são fundos de vale, com declives íngremes, cuja função ambiental principal é permitir a drenagem das águas provenientes da região mais elevada, chamada de “tabuleiro”, em direção às planícies mais baixas da cidade. Essas características marcam uma das suas vulnerabilidades e impõem dificuldades para a ocupação, dado o risco de inundação e deslizamento.

Apesar das condições precárias e insalubres, as grotas foram progressivamente ocupadas por populações vulnerabilizadas e abrigam cerca de 100 mil habitantes⁵. Elas são ainda marcadas pela segregação socioespacial e por problemas relacionados à moradia adequada, à mobilidade, à acessibilidade e ao convívio social, o que afeta o acesso pleno dos seus residentes aos serviços públicos essenciais.

O Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió⁶, pesquisa amostral e domiciliar realizada pelo ONU-Habitat em 2019, caracterizou a situação demográfica e socioeconômica das famílias residentes nas grotas de Maceió:

- Considerando o gênero dos moradores das grotas, 52,3% são mulheres e 47,7% são homens.
- 57,6% dos moradores das grotas se autodeclaram como pardos, 15% são pretos, 0,93% são indígenas e 23,7% são brancos.
- Comparando com os dados do IBGE de 2017, em Maceió 5% das pessoas se autodeclaram como pretas, em Alagoas são 5,2%, no Nordeste 10,5%, e no Brasil 8,6%.
- As populações das grotas possuíam renda per capita média de R\$ 477,83, menos da metade da calculada em Maceió (R\$ 1.008,76).
- As grotas reuniam pessoas em situação de pobreza (56,1%) e extrema pobreza (13,5%) em proporção maior do que as da capital alagoana (30,3% e 5,2%, respectivamente) e do que a média brasileira (25,5% e 7,2%, respectivamente).
- 39,7% dos jovens moradores das grotas estavam sem oportunidades de estudo e de trabalho.

Apesar dos números desafiadores, a pesquisa captou um importante senso de pertencimento e identidade local, já que 43,2% da população afirma que continuaria optando pelo imóvel na grota a despeito de outras opções de moradia. Esse desejo de permanecer na grota foi expresso também por meio de outras perguntas do questionário. Por exemplo, quando perguntados sobre quais seriam os motivos que fariam os moradores saírem da grota, 39,4% disseram que não sairiam. Em segundo lugar, com um percentual muito inferior, elencaram a falta de transporte, apontada por 9,0%, o tamanho do domicílio e a distância do trabalho, com 7,7% e 6,9%, respectivamente. Essas respostas demonstram que, ao contrário do que o senso comum pode supor, os moradores não querem sair dos territórios em que vivem, mas almejam melhorias urbanas para viver neles com dignidade.

⁶ Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió (2019), disponível em <http://tiny.cc/2iw9vz>



Digaê!

uma experiência de mobilização das juventudes das grotas

Para contribuir com a transformação das grotas de Maceió, o **Programa Digaê! – Juventudes, Comunicação e Cidade** foi implantado, visando ofertar formação com foco em direito à cidade, comunicação e engajamento comunitário para as juventudes. A iniciativa promoveu a mobilização de jovens em torno da implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, com destaque para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)⁷ 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), 4 (Educação de Qualidade), 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico) e o 10 (Redução de Desigualdades), além da Nova Agenda Urbana (NAU).

Com duração de quase um ano, o programa teve início em agosto de 2022 e formou 81 adolescentes e jovens de 15 a 24 anos, moradores e moradoras de 32 grotas, em dois ciclos de formação, experimentação midiática e intervenção juvenil. Neste percurso, foram criados diversos produtos de comunicação e ações comunitárias que anunciam as ideias, inquietudes e reivindicações das juventudes em relação aos seus territórios e a temas essenciais como gênero, sexualidade, racismo, violência urbana, meio ambiente, saúde mental, entre outros.

Para seleção das grotas prioritárias para realização do programa, foi desenvolvida uma metodologia que tomou como base dados do Censo IBGE 2010, dados do Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió e a

⁷ Saiba mais sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>

divisão de Maceió por Regiões Administrativas (RAs) que possuem grotas – a cidade está dividida em oito RAs das quais cinco possuem grotas (RA3, RA4, RA5, RA6 e RA8).

Tendo como base as cinco RAs com grotas, foi considerado um conjunto de indicadores para identificar quais grotas apresentavam as maiores vulnerabilidades para os jovens, como população total; percentual de jovens moradores de grotas que se enquadram como “nem-nem” (sem oportunidade de estudo e de trabalho); percentual de negros, taxa de domicílios com renda de até 1 salário-mínimo per capita; quantidade de espaços e equipamentos públicos disponíveis; mobilidade e acessibilidade; e índices de violência.

A seleção dos jovens participantes levou em consideração também critérios como paridade de gênero e priorizou jovens negros e negras, indígenas, romanis, LGBTQIAPN+, mães e com deficiência.

AS REFERÊNCIAS CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS DO DIGAÊ!

Tendo como fundamento o direito à cidade, o Digaê! articulou um conjunto de métodos, estratégias com base em evidências e abordagens pedagógicas que visam à realização de processos reflexivos e criativos, pautados no diálogo, criticidade e experimentação.

Um dos conceitos que inspira a prática do projeto é a **Educomunicação** – campo de intervenção sociopedagógica que nasce da relação entre a Educação e a Comunicação e se interessa em realizar processos mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias digitais da informação para garantir a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.

Ao ecoar a comunicação como elemento essencial para promover a mudança social, o Digaê! dialogou com o conceito de **comunicação para o desenvolvimento**, processo que favorece o envolvimento das pessoas e suas comunidades na discussão e na tomada de decisão sobre os temas que afetam suas vidas.

Além disso, a implementação do Digaê! também foi norteada pela **educação entre pares**, abordagem a partir da qual o processo de aprendizagem se dá na interação entre sujeitos com experiências comuns. Assim, o programa apostou na inspiração mútua entre jovens, utilizando uma linguagem acessível e repertórios que atingissem de forma mais afetiva e efetiva as juventudes.

Por fim, o programa se utilizou do **Design Thinking** para potencializar a concepção, o planejamento e a realização de intervenções comunitárias pelos adolescentes e jovens. Esse método se sustenta nos pilares da empatia, colaboração e experimentação e coloca as pessoas no centro da solução de cada problema abordado.

PRINCIPAIS AÇÕES

Durante a sua implementação, o **Digaê!** mobilizou e formou mais de 70 adolescentes e jovens das grotas de Maceió e 10 jovens que atuaram na mobilização do programa, como cofacilitadores dos processos de formação, produção e intervenção realizados na iniciativa, nos dois ciclos de formação.

Cada ciclo teve 14 semanas de duração, com dois encontros semanais, e se estruturou em três módulos: **1) direito à cidade, 2) experimentação midiática e 3) intervenções comunitárias**. O primeiro módulo, realizado por meio de oficinas, derivas urbanas e cartografias afetivas, buscou um processo de sensibilização sobre a realidade das grotas a partir do conceito do direito à cidade, da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e da Nova Agenda Urbana.

Já o segundo consistiu na realização de oficinas e laboratórios de criação de diferentes linguagens midiáticas — podcast, fotografia, vídeo, lambe-lambe, fanzine e grafite — que articularam a apreensão e a experimentação das técnicas de produção em comunicação. Desse processo, resultou a criação e a disseminação de narrativas juvenis sobre as grotas a partir de diferentes produtos midiáticos.

Por fim, no terceiro módulo, os jovens receberam mentoria especializada e capital-semente para conceber e executar iniciativas próprias de intervenção no campo da cultura e da comunicação, tendo em vista mobilizar e transformar suas comunidades.

Todos os participantes receberam bolsa-auxílio mensal, alimentação no local dos encontros, recursos para transporte e certificado de participação. Considerando o contexto de vulnerabilidade socioeconômica a que as juventudes das grotas estão expostas, esses elementos foram fundamentais para garantir as condições necessárias para a plena participação no programa.

QUEM FEZ O DIGAÊ!

O Digaê! — Juventudes, Comunicação e Cidade é uma iniciativa do Governo do Estado de Alagoas e do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), implementado em parceria técnica com o Instituto Pólis e a Viração Educomunicação.

SAIBA MAIS SOBRE NOSSOS PARCEIROS!

O **Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais** é uma Organização Não Governamental (ONG) de atuação nacional, com participação em redes internacionais e locais, constituída como associação civil sem fins lucrativos, apartidária, pluralista e reconhecida como entidade de utilidade pública nos âmbitos estadual e federal. Fundado em 1987, a cidade, a atuação em políticas públicas e o desenvolvimento local definem a sua identidade. A cidadania, como conquista democrática, é o eixo articulador de sua intervenção dirigida à construção de cidades justas, sustentáveis e democráticas. A partir também da pesquisa, mobilização, formação e assessoria contribui para o fortalecimento da capacidade de ação autônoma da sociedade civil – dos movimentos sociais, suas entidades, fóruns e redes – na perspectiva de intervir nos processos políticos e culturais da sociedade por meio da problematização e proposição de políticas públicas.

SAIBA MAIS SOBRE O PÓLIS

WWW.POLIS.ORG.BR [@INSTITUTOPOLIS](https://www.instagram.com/INSTITUTOPOLIS)

A **Viração Educomunicação** é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, que atua com comunicação, educação e mobilização social para a promoção e defesa dos direitos humanos de adolescentes e jovens. Sua missão é conectar, inspirar e engajar meninas, meninos e meninos na construção de uma sociedade justa, participativa e diversa a partir de projetos, programas e produtos educacionais. Fundada em 2003, a Viração tem experiência na elaboração e implementação de projetos socioeducativos de formação e mobilização de jovens, na realização de coberturas jornalísticas-educacionais e na criação de produtos multimídia por e para adolescentes e jovens.

ACOMPANHE A VIRAÇÃO

WWW.VIRACAO.ORG [@VIRACAOEDUCOM](https://www.instagram.com/VIRACAOEDUCOM)





Esperançar com as juventudes

Quase 50 milhões de jovens vivem no Brasil, um contingente significativo que representa um enorme potencial para o desenvolvimento social, político e econômico do país. A PNADC Contínua (2022) apontou que, somente em Alagoas, vivem 809 mil jovens de 16 a 29 anos, 24% da população⁸. No entanto, depois de um longo período de bônus demográfico — quando a população em idade produtiva é maior do que a de crianças e idosos —, o número de jovens está em queda e, segundo as projeções do IBGE, a pirâmide demográfica brasileira começou a se inverter.

Do ponto de vista legal, no Brasil, são jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. A delimitação das fronteiras etárias fornece parâmetros importantes tanto para a formulação de políticas públicas específicas, quanto para o reconhecimento social e político da juventude⁹. Em alguma medida, também contribui para contrapor o discurso capitalista neoliberal que a enquadra como estilo de vida. Contudo, a definição de faixa etária não encerra a discussão sobre as singularidades dos jovens.

A juventude compreende uma longa fase da vida, na qual se completa o desenvolvimento físico, marcada também por uma série de mudanças psicológicas e sociais, e em que se processa a entrada no mundo adulto. Mas para além dos marcadores biológicos e etários, a definição de juventude é, sobretudo, sociocultural. Isso significa que a experiência de ser jovem varia de acordo com uma série de fatores e o contexto em que se vive esse momento da vida.

Logo, ao falar sobre juventude, é preciso considerar a existência de grupos diversos que, apesar de compartilharem um mesmo tempo histórico, distinguem-se entre si a partir de fatores como classe social, raça e etnia, gênero, sexualidade, local de moradia e/ou contexto sociocultural. A diversidade de realidades e vivências comportadas pela experiência juvenil impõe a necessidade de que ela seja abordada no plural. Afinal, são muitas e múltiplas as juventudes.

UMA POLÍTICA PARA CHAMAR DE SUA

No Brasil, o reconhecimento dos jovens enquanto segmento social com direitos e demandas específicas resultou num conjunto de marcos legais, políticas públicas e estruturas institucionais que visam assegurar a esta população as condições necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

Ainda que desde a década de 1990 possam ser identificados políticas e programas destinados à população de jovens, foi em 2005 que se instituiu um conjunto de medidas articuladas na Política Nacional de Juventude (PNJ). A Lei federal 11.129/2005 determina a criação da Secretaria Nacional de Juventude, responsável por coordenar, integrar e articular as políticas de juventude, e do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), órgão consultivo composto pelo governo e a sociedade civil com a finalidade de formular e propor diretrizes para esta política. Também compõe a PNJ o ProJovem, programa de inclusão com foco na formação profissional.

A criação da PNJ impulsionou o surgimento de novas institucionalidades em nível local e multiplicou, em todas as regiões do país, o número de conselhos e secretarias estaduais e municipais de juventude. Em Alagoas, o Conselho Estadual de Juventude foi criado em 2013, pela Lei 7.476/2013. Depois de um período inativo, o Conjuve-AL foi reativado em 2021 com a eleição de 16 conselheiros da sociedade civil, além destes, outros 11 representantes do poder público compõem o conselho.

A realização das conferências nacionais de juventude também foram ações fundamentais para adensar a discussão sobre a realidade juvenil e avançar na formulação de políticas públicas, além de fortalecer a participação popular. A primeira foi realizada em 2008 e mobilizou cerca de 400 mil jovens ao longo das suas diferentes etapas, e as duas seguintes aconteceram em 2011 e 2015. Em 2023, o Brasil se prepara para realizar a quarta conferência de juventude.

A aprovação da PEC da Juventude (65/2010) também ocorreu nesse fluxo de fortalecimento da institucionalidade de juventudes no país, na primeira década dos anos 2000. A Emenda Constitucional alterou a denominação do capítulo VII do título VIII da Constituição Federal para incluir os jovens entre as populações prioritárias.

⁸ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2022.

⁹ NOVAES, R.C.R.; CARA, D. T e SILVA, D. M. Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude e Fundação Friedrich Ebert, 2006.

Marco legal mais relevante para a institucionalização da PNJ, o Estatuto da Juventude foi aprovado em agosto de 2013, por meio da Lei nº 12.852, após tramitar por mais de dez anos no Congresso Nacional. Ele dispõe sobre os direitos da população jovem, os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude e institui o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve).

Ainda que sejam fundamentais, a afirmação legal dos direitos das juventudes e a institucionalização de uma política nacional são insuficientes para assegurar condições dignas de vida. É preciso garantir orçamento público e força institucional para as políticas de juventude, além de enfrentar as persistentes disparidades socioeconômicas que limitam as oportunidades e ameaçam as trajetórias juvenis.

OS DESAFIOS DA REALIDADE JUVENIL

Apesar desses avanços recentes no campo da institucionalização dos seus direitos, os jovens brasileiros ainda enfrentam uma realidade de vulnerabilidades que se materializa em um cotidiano marcado pelo desamparo e pela violência. Nos últimos anos, este contexto foi agravado tanto pelas consequências da pandemia de COVID-19 quanto por um cenário político desfavorável que resultou em restrições de direitos que afetaram a vida das juventudes.

Nos centros urbanos, onde vive a maior parte da juventude brasileira, as desigualdades produzem uma segregação socioespacial que empurra os jovens empobrecidos para as regiões mais precárias, onde são excluídos dos bens e serviços gerados nas cidades e expostos à violência. Numa dinâmica perversa que sobrepõe múltiplas camadas de violação, recaem sobre estes jovens estigmas que reforçam a marginalização e impõem ainda mais barreiras para o acesso às oportunidades.

Assim, o Brasil possui estatísticas que expõem uma situação dramática para as suas juventudes. Uma delas é revelada pelo Atlas da Violência¹⁰, segundo o qual mais de 330 mil jovens de 15 a 29 anos foram assassinados na última década. Composto predominantemente por jovens negros e do sexo masculino, esse número evidencia o fracasso do país em enfrentar o racismo estrutural e institucional.

Em Maceió, que já chegou a ser a cidade mais violenta do país no ano de 2015, o número de mortes por arma de fogo na faixa etária de 15 a 29 anos vem caindo expressivamente, mas ainda alerta para a vulnerabilidade de meninos negros periféricos que compõem a imensa maioria das 3.325 vítimas registradas no período entre 2012 e 2022.

A realidade juvenil reflete as persistentes desigualdades no país que se intensificam na medida em que marcadores de raça e etnia, gênero e território são colocados em perspectiva. Em 2022, 67,3% dos jovens

¹⁰ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Atlas da Violência 2021.

com 19 anos haviam concluído o ensino médio. Ainda baixo, o número já representa um avanço em comparação aos 50,4% registrados há uma década.

No entanto, a desagregação dos dados revela as disparidades raciais que permeiam o sistema educacional. O levantamento do Todos Pela Educação¹¹, com base em dados do IBGE, indica que entre jovens brancos nesta idade a taxa de conclusão da educação básica é de 75,3%, enquanto entre pretos é de 61% e 62,4% entre pardos. O estudo aponta que o acesso e a conclusão do ensino médio entre estudantes negros equivale a uma década de atraso na comparação com estudantes brancos.

A baixa escolarização e a ausência de políticas públicas de formação e inserção profissional fazem com que jovens sejam também os mais afetados pelo desemprego e pela precarização do trabalho. Segundo a pesquisa Empregabilidade Jovem Brasil, realizada pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego, 55% das pessoas desempregadas no país têm entre 14 e 24 anos. O estudo também revela que 38% das jovens mulheres e 46% dos homens desocupados não concluíram o ensino médio, e, ainda, que 51% das mulheres e 56% dos pretos e pardos estão na informalidade.

OS JOVENS SEM DIREITO À EDUCAÇÃO E AO TRABALHO

Conhecidos como ‘nem-nem’, os jovens sem oportunidades de estudo e trabalho representam 20% da juventude brasileira¹². Este é provavelmente um dos dados que melhor expressam a gravidade da realidade juvenil no país — quase 10 milhões de jovens sem direito ao trabalho e à educação. Um cenário que enfatiza o distanciamento do país para a realização do ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico)¹³ e que compromete as trajetórias juvenis e o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Embora recaia, muitas vezes, como mais um estigma sobre as juventudes, a alta taxa de desocupação revela, na verdade, graves violações de direitos. O mais adequado, portanto, é falar em jovens ‘sem-sem’ e, ao mudar o termo, transformar também a perspectiva sob a qual enxergamos o problema e em quem depositamos as responsabilidades por ele.

Dados levantados pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho e Emprego do Ministério do Trabalho (2022) evidenciam como as desigualdades de gênero e raça operam de forma interseccional na exclusão juvenil. Entre os jovens desocupados, 68% são pretos e pardos e 52% são mulheres, muitas das quais dedicadas a tarefas domésticas e ao cuidado de outras pessoas — atividades que historicamente pesam muito mais sobre as mulheres, em especial as negras.

¹¹ Nota técnica: Desigualdades étnico-raciais nas matrículas e na conclusão do ensino médio. Todos pela Educação, 2023.

¹² IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) - Educação, 2022.

¹³ As metas 8.5, 8.6 e 8.b dispõem de emprego para juventudes. Saiba mais em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8>

Com 36,6%, Alagoas registrou o segundo maior percentual de jovens que não trabalham nem estudam do Brasil, atrás apenas do Maranhão (37,7%)¹⁴. Nas grotas de Maceió, essa situação é ainda mais alarmante: 39,7% dos jovens não estavam trabalhando nem estudando. O número é mais que o dobro do total observado no Brasil (17,1%), e superior ao de Alagoas (21,8%) e de Maceió (21,3%), registrados no mesmo período¹⁵.

Esse dado representa um desafio para o desenvolvimento sustentável de Alagoas e deve ser enfrentado com ações específicas do poder público direcionadas às juventudes, como o aumento das oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, o fortalecimento do convívio social e dos vínculos de pertencimento e a promoção de espaços e iniciativas que valorizem a cultura, o esporte e o lazer. A constatação desse cenário foi um dos impulsos que levou à realização do Programa Digaê! — Juventudes, Comunicação e Cidade.

DIGAÊ! — A POTÊNCIA DAS JUVENTUDES

No seu percurso, o programa provocou os jovens a refletirem sobre suas grotas na perspectiva do direito à cidade e para além da dimensão geográfica, considerando-as enquanto território político e social resultante de uma dinâmica socioeconômica que opera nas cidades, mas também enquanto território afetivo e cultural a partir do qual constroem suas subjetividades e trajetórias particulares e coletivas.

Nesta perspectiva, o programa viabilizou a produção e a disseminação de narrativas juvenis, que superam noções estigmatizadas e expõem seus dilemas e suas potências, e apoiou intervenções comunitárias nas quais os jovens colocaram suas comunidades no centro dos seus interesses.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se debruça sobre as violações e vulnerabilidades vivenciadas pelas juventudes das grotas de Maceió, o Digaê! reconheceu seu direito à participação e investiu na sua potência criativa para a transformação social.

O programa evidenciou ainda os desafios que precisam ser enfrentados e contribuiu para trazer adolescentes e jovens para o centro do debate público; fortalecendo-os enquanto atores relevantes na proposição de soluções públicas e ampliando a sua capacidade de auto-organização e de expressão. A iniciativa foi, portanto, um exercício freiriano¹⁶ de esperar com as juventudes, sustentado pelo imperativo da ação consciente, crítica e otimista.

¹⁴ IBGE. Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) 2019.

¹⁵ ONU-Habitat, Relatório da pesquisa Perfil Socioeconômico, 2019, disponível em <<http://tiny.cc/t5z9vz>>

¹⁶ Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro. Autor de diversas obras, é considerado um dos principais pensadores da educação no mundo.





**ensaio
fotográfico.**

CRÉDITO: ARQUIVO DIGAÊ!

ENSAIO FOTOGRÁFICO
SOBRE JUVENTUDES
URBANAS,
PRODUZIDO PELOS
PARTICIPANTES
DO SEGUNDO
CICLO DE
FORMAÇÃO
DO DIGAÊ!

nós
por
sou

Ser jovem nas grotas

Ao longo da realização do **Digaê!**, os jovens criaram produtos multimídias que falam sobre as identidades e as vivências das juventudes urbanas periféricas. Por meio destas produções, expressam suas demandas e ideias, narram suas experiências e anunciam um jeito próprio de estar no mundo. Conheça a seguir algumas destas produções:

O CORAÇÃO DA CIDADE

Por Elô Graciliano

A periferia é o coração da cidade e a população periférica é o sangue que o coração bombeia para o corpo.

Comparação confusa? Não. Se olharmos direitinho, a cidade só se desenvolve porque o povo da periferia está nela, trabalhando, esforçando-se. A mãe que sai de casa às cinco horas da manhã para pegar dois ônibus e chegar ao seu trabalho, o senhor de idade que sobe as escadas para ir até o posto de saúde, o jovem que concilia trabalho com os estudos são exemplos do dia a dia nas grotas. Em Maceió, as grotas são, além do coração, a alma da sua cultura, com uma juventude talentosa que busca melhorias para sua vida e para a comunidade.

As grotas me fazem lembrar muito uma aldeia: lugar com muita natureza, onde todo mundo conhece todo mundo, mas que infelizmente não tem acesso a tantos direitos fundamentais, como saneamento básico, por exemplo. Com o Digaê!, descobrimos o direito à cidade, o direito de pertencer àquele lugar, o direito de ter lazer e vida com qualidade. Tomando conhecimento dos nossos direitos, também descobrimos caminhos possíveis para reivindicá-los e promover mudanças.

Fazer parte do Digaê! me permitiu conhecer mais de mim e do meu território. No projeto, pude conhecer os recursos que existem para ajudar a mudar a realidade da minha comunidade e então levar essa experiência para todas as outras grotas que eu conseguir alcançar. O Digaê! foi só o pontapé inicial para o crescimento de potências periféricas!

Eu sou Elô Graciliano, tenho 21 anos, sou uma indígena periférica, venho de Palmeira dos Índios (AL), fui jovem mobilizadora no Digaê!

UM LUGAR PARA CHAMAR DE CASA

Por Thales Gabriel Carneiro Guimaraes

Apesar de todos os problemas e dificuldades, ser jovem de grotas é saber que você vai sempre ter um lugar pra chamar de casa, porque aqui é o lugar onde você se sente acolhido, amado e bem-visto, sabe?

Ser de grotas faz parte de toda uma construção social que você vai tendo que fazer. E, certamente, um dos maiores desafios é ser politizado e compreender a realidade dentro da grotas, porque você acaba se desanimando com a falta de políticas públicas. Então, você fica sem ideia do que fazer, de como tentar fazer algo ou do que pensar.

Mas, quando você se torna politizado e olha pra favela de onde vem, começa a entender toda a estrutura que faz com que esse lugar se mantenha assim, e as pessoas que moram ali não possam sair ou ascender socialmente. E você compreende que pode mudar as coisas e sair desse ciclo.

Aí você acaba olhando pra esse lugar de um jeito diferente daquele que olhava quando era criança. Por exemplo, brincar na lama depois da chuva. Na infância, você só quer brincar, se sujar e se divertir. E aí quando você cresce, começa a entender o porquê daquela lama estar ali há tanto tempo, por que todo ano quando chove aquela lama é formada e abre buraco ali no chão, por que todo ano quando chove as barreiras cedem e por que o cheiro é tão ruim. Não é mais engraçado, é perigoso.

Eu costumo dizer que ser jovem de grotas é um dos maiores desafios da vida mesmo. Você já nasce sabendo que vai precisar correr dez vezes mais rápido que qualquer outra pessoa.

A REALIDADE DIANTE DOS OLHOS

Por Gusta Macena Souza

Gosto de escrever, cantar, ler, estudar, enfim, toda maneira de buscar conhecimento. Acho que esse desejo pelo conhecimento, essa vontade de aprender vem muito das minhas origens. Durante quase toda a minha vida vivi em grotas e o que mais marcou meu ser foi a realidade que eu via diante dos meus olhos desde cedo.

Vi, nitidamente, sonhos serem destruídos. Pessoas com as quais cresci, com quem me diverti e tive momentos de felicidade serem mortas por inúmeras 'cláusulas'. A polícia descia quase todo dia e era uma injustiça, pois haviam muitas outras pessoas que faziam o mal, mas eram redimidas por serem

Eu sou o Thales Gabriel Carneiro Guimaraes, tenho 20 anos, sou uma liderança jovem no Vale do Reginaldo e participei do primeiro ciclo do Digaê!



“Meu nome é Gustavo, mas podem me chamar de Gusta, tenho 16 anos, sou jovem, pardo, morador de grotas e participei do segundo ciclo do Digaê!”

ricas, privilegiadas e “socialmente abençoadas”. Eu achava injusto viver em todo aquele caos, onde pessoas se aproveitavam da nossa vulnerabilidade, usavam da carência como maneira de tirar sangue e vidas de pessoas que, muitas vezes, eram inocentes. Mas bem, é o sistema, não é?

Acho que toda essa revolta que eu sentia pelo que acontecia na quebrada onde eu morava veio se exalar mais quando fiz parte do Digaê! De primeira, eu olhei e fiquei tipo: “cara, como assim, tem um projeto com foco justamente nessas pautas?”. Foi inacreditável a maneira com que fomos introduzidos ao direito à cidade, à memória e à vida para além de uma realidade que já era um “mundo” para mim. Também as inúmeras formas de criar arte e comunicação foram coisas que me levaram a pensar, cada vez mais, sobre diversos temas e a conhecer pessoas que queriam transformar as grotas.

Acho que se houve algo no Digaê! memorável para mim foi justamente a possibilidade de criar e implementar uma intervenção comunitária. Eu e meu grupo fizemos o documentário de curta-metragem *Quando a Grotas Vira Mundo*. Fui o roteirista da vez e foi uma experiência incrível. Já havíamos tido muitos conteúdos de audiovisual no programa, então, decidimos nos aprofundar nisso. Durante a finalização das gravações, lembro de um momento que me marcou muito. A *camerawoman* estava revendo as cenas conosco quando disse “eu me sinto como ela” — a nossa personagem se chama Maíra e, assim como a *camerawoman*, é uma mulher preta e periférica. Sério, bateu aquela dor no peito de ver o quanto muitas pessoas se esforçam e, mesmo assim, são taxadas como “vulneráveis demais para um trabalho” ou “incompatível para tal tarefa”. Isso me fez pensar sobre o quanto o preconceito está presente na sociedade. Mulheres pretas das grotas são pessoas extremamente fortes; se há alguém com história pra contar, são elas.

A juventude das grotas é extremamente marginalizada, seja direta ou indiretamente. Como jovem e periférico, sinto uma enorme carência de direitos básicos, e não falo só de saúde ou educação. Por exemplo, imagina quanta gente não conhece suas origens. Ou quantas mudaram suas próprias essências por coisas tão inúteis, mas socialmente populares. Falo também de conhecimento e liberdade. E poderia falar por horas e mais horas sobre esse mundo que se esqueceu das grotas ou do tanto de gente incrível que habita esses lugares, mas acho que você já entendeu. Então, vou ficar por aqui.



Luz, câmera e transformação

Conheça as produções audiovisuais que abordam a realidade juvenil criadas pelos jovens ao longo do Digaê!

EU (R)EXISTO! VIVÊNCIAS PERIFÉRICAS LGBTQIAPN+

PRODUTO:
Documentário em curta-metragem

SINOPSE:
O filme aborda a vivência de jovens LGBTQIAPN+ periféricos que vivem nas grotas de Maceió, buscando reafirmar e visibilizar suas existências, potências e diversidade. Entrevistados marcantes narram seus processos de autoconhecimento, a relação com a família e a comunidade, dialogando com questões como preconceito, acolhida e superação.

FICHA TÉCNICA:
Direção:
Antônio Skalybul | Maria Victória Apolinário

Concepção e roteiro:
Antônio Skalybul | Anastácia de Omena
Éder Gabriel Silva Santos | Elis Franciele
Maria Victória Apolinário | Mirelly Vitória
Nara Santos Vanderlei

Produção:
Alvandy Frazão | Elis Franciele | Mirelly Vitória

Participação:
Elaine Santos | Grazyelly Hadassa dos Santos
Galberto Barros | Leonardo Santana

Montagem:
Maria Victória Apolinário



CLIQUE
OU ESCANEIE
O QR CODE
PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/rgmpwz>

QUANDO A GROTA VIRA MUNDO

PRODUTO:
Filme de ficção em curta-metragem

SINOPSE:
O filme expõe a realidade e os desafios da juventude dentro e fora das grotas a partir da história de Maíra, jovem preta e periférica que busca uma oportunidade de trabalho, provocando discussões sobre temas como discriminação, racismo, direitos, pertencimento e resistência.

FICHA TÉCNICA:
Roteiro:
Juliana Paz | Luiz Gustavo

Fotografia:
Letícia Cabral | Lucas André Santos

Produção:
Raiane Lima | Lucas André Santos
Giselle Ketlly | Jadyson Silva
Laura Yasmin | Luiz Gustavo

Mentoria:
Maysa Reis

Montagem:
Leonardo Amorim



CLIQUE
OU ESCANEIE
O QR CODE
PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/wgmpwz>



Direito à cidade – o Digaê! e a valorização da vida nas grotas

O exercício de olhar e interpretar as cidades, decifrando suas tipologias e dinâmicas sociais materializadas no espaço físico, traz como resultado a constatação de que estas foram erguidas e são sustentadas com base em lógicas de opressão orientadas pelo racismo, capital e patriarcado. São estes e mais outros tantos fundamentos que, impressos no espaço urbano, o tornam hostil, fragmentado e com o potencial de marginalizar e violentar sistematicamente certos grupos sociais. As grotas são um exemplo dessa lógica perversa de produção de cidades excludentes, marcadas pela disparidade entre áreas mais prósperas e territórios vulnerabilizados socioambientalmente e carentes de serviços públicos essenciais.

Enquanto grupos hegemônicos desfrutam dos bens e serviços construídos pela sociedade em um perímetro cercado de privilégios, investimentos públicos e políticas sociais e econômicas, a população empobrecida, constituída em sua grande maioria por pessoas pretas, indígenas, ciganos ou pertencentes a outros grupos étnico-raciais minorizados, enfrenta a falta de infraestrutura adequada e acesso limitado a serviços básicos.

Vale mencionar que os desastres ambientais, como enchentes, deslizamentos, estiagens, escassez hídrica e outras ocorrências agravadas pelas mudanças climáticas, afetam em maior grau populações que vivem em territórios já vulnerabilizados pela ausência ou precariedade de infraestrutura e serviços urbanos. Os moradores

dessas áreas pertencem a uma determinada classe social, têm uma cor de pele/raça, um gênero: são em sua maioria pessoas pobres, pretas e indígenas, alijadas do acesso a condições de vida dignas e expostas a um risco permanente. As grotas são emblemáticas desse fenômeno chamado de racismo ambiental.

Essa realidade é agravada, ainda, pela construção de estigmas e estereótipos que perpetuam as justificativas para o abandono e a violência sofrida por aqueles que residem nessas áreas.

Observar a cidade é perceber que muitas vezes sua lógica de produção constrói barreiras para impedir que sejam todos os indivíduos a alcançarem seus direitos sociais, políticos e civis. Milton Santos¹⁷ emprega o conceito de “cidadania mutilada” para descrever esta condição em que direitos e a própria dignidade dos grupos sociais marginalizados são negados ou limitados para beneficiar um grupo hegemônico.

Por essa razão se faz urgente e de extrema importância buscar soluções para superar as desigualdades socioespaciais, rompendo as barreiras físicas e simbólicas que limitam o acesso a um ambiente urbano mais inclusivo e justo, em que todas as pessoas possam desfrutar de condições de vida digna.

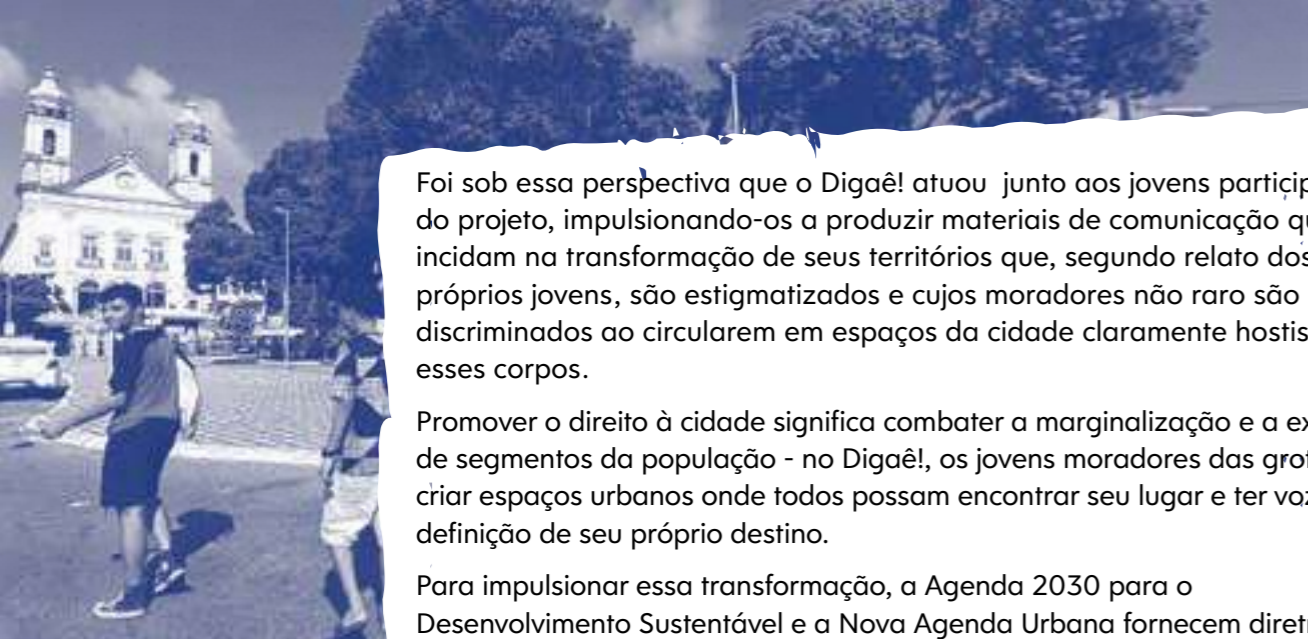
A defesa do **direito à cidade** desempenha um papel central nesse processo e, enquanto tal, ancorou o ciclo de formação e as ações desenvolvidas no decorrer do projeto.

O Direito à Cidade, expressão originalmente cunhada por Henri Lefebvre em 1968, é um direito humano coletivo das presentes e futuras gerações de apropriar e desfrutar de forma equitativa de cidades justas, inclusivas, seguras, democráticas e ambientalmente responsáveis. Ele se constitui como uma utopia orientadora e articuladora das lutas sociais para a resistência e superação criativa do modo de produção das cidades no sistema capitalista, propondo uma transformação radical do atual modelo de urbanização através do exercício do poder coletivo de defesa do bem comum essencial a uma vida plena e digna, revertendo as desigualdades e opressões – de classe, raça, gênero, entre outras – hoje determinantes na produção do espaço.

Reconhecido como um direito humano coletivo que abrange não apenas o acesso a serviços básicos, mas também a participação política ativa e a apropriação da vida urbana, este instrumento busca garantir a possibilidade de construir uma cidade diferente, segundo nossos anseios e necessidades. Nas palavras de David Harvey, geógrafo britânico, “é o direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade”. Ainda segundo ele, “se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito”.

¹⁷ SANTOS, Milton. *Cidadanias Mutiladas*. In: (editor) Lerner, Julio. *O Preconceito*. São Paulo. p. 133-144. Imprensa Oficial do Estado. 1996/1997.





Foi sob essa perspectiva que o Digaê! atuou junto aos jovens participantes do projeto, impulsionando-os a produzir materiais de comunicação que incidam na transformação de seus territórios que, segundo relato dos próprios jovens, são estigmatizados e cujos moradores não raro são discriminados ao circularem em espaços da cidade claramente hostis a esses corpos.

Promover o direito à cidade significa combater a marginalização e a exclusão de segmentos da população - no Digaê!, os jovens moradores das grotas - e criar espaços urbanos onde todos possam encontrar seu lugar e ter voz na definição de seu próprio destino.

Para impulsionar essa transformação, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e a Nova Agenda Urbana fornecem diretrizes importantes e destacam a importância do envolvimento das comunidades, da equidade social, da proteção ambiental e do acesso universal a serviços básicos.

PERTENCIMENTO — A DISCUSSÃO SOBRE DIREITO À CIDADE NO DIGAÊ!

A cidade precisa ser vista e nos instigar a refletir sobre ela. São inúmeras as manifestações artísticas, tais como grafites, lambes e pixos, espalhadas pelas ruas das cidades que nos convidam a analisar as desigualdades urbanas e todas as suas nuances. Além disso, comunicam as possibilidades de expressão, apropriação e intervenção do espaço urbano — grafam e reivindicam o existir dos grupos marginalizados nas cidades.

Esta ideia está contida também no livro *O que é Cidade*¹⁸, em que Raquel Rolnik, urbanista brasileira, defende que a construção das cidades pode ser vista como uma forma de escrita. Para a autora, existe uma equivalência entre empilhar tijolos para erguer prédios e combinar letras para formar palavras. Tomando como verdadeira sua afirmação, é possível considerar a cidade como um imenso texto a ser lido e interpretado.

Desta forma, quais histórias são expressas no desenho das casas, das ruas e dos prédios de Maceió? Quais narrativas estão sendo contadas pelas grotas de Maceió? Que memórias estão sendo narradas e passadas para as gerações presentes e futuras?

Além de ver e ler a cidade, também compartilhamos a visão de Paulo Freire¹⁹, de que a leitura vai além de decifrar as palavras escritas: ela estende-se na leitura do mundo. Segundo o autor a experiência vivida é um elemento essencial que precede a leitura da palavra e se estende através dela na compreensão do mundo.

¹⁸ ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

¹⁹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.



O Programa Digaê! propõe essa interação desafiando, em conjunto com os jovens, as catracas, cancelas e grillhões que inviabilizam a vida digna na cidade. Por meio de práticas como **Deriva Urbana** e **Cartografia Afetiva**, buscou-se proporcionar aos jovens a oportunidade de analisar o espaço urbano e compreender melhor o seu contexto, utilizando para este exercício o repertório baseado nas vivências cotidianas nas grotas. Essa abordagem desempenhou um papel fundamental no alinhamento entre as agendas globais para desenvolvimento sustentável mencionadas anteriormente e as ações locais, construindo perspectivas para a transformação do padrão urbano²⁰.

A exploração teve início com a prática de **deriva urbana**, na qual as juventudes se deslocavam livremente pela cidade, permitindo que o ambiente urbano e suas dinâmicas as guiassem. As consignas eram o que repelia, instigava ou bloqueava. Essa abordagem permitiu enxergar além das superfícies e descobrir as camadas de significado e experiência que permeiam a cidade. Ao deslocar a ideia de que as coisas são como são, tornou-se evidente que a cidade é muito mais do que uma simples aglomeração de construções.

Na segunda fase, o exercício de **cartografia afetiva** teve como objetivo mapear as experiências afetivas vivenciadas nas grotas.

Ao olharem para seus próprios territórios, os jovens desempenham um papel fundamental ao reivindicar o reconhecimento devido às comunidades que compõem o espaço urbano. Eles valorizam o senso de coletividade que se contrapõe a toda lógica de opressão, e compartilham memórias relevantes no processo de construção e fortalecimento das identidades periféricas, além

²⁰ NELSON SAULE JÚNIOR. *O direito à cidade como centro da nova agenda urbana*. São Paulo, dez, 2016.

de apontarem soluções e partilharem tecnologias para a transformação da realidade em que vivem.

Ao promover um diálogo entre os conhecimentos teóricos aprendidos e as experiências vividas, estruturamos coletivamente um **mapa conceitual** sobre o tema. Essa abordagem participativa contribuiu para uma compreensão mais abrangente do direito à cidade, ampliando o diálogo e fortalecendo o engajamento na luta por cidades mais justas e inclusivas. Este mapa, que também conta uma parte da história da cidade, foi construído a partir de palavras e frases discutidas, permitindo que os jovens descrevessem o espaço urbano sob a perspectiva de suas próprias experiências.

Ao longo de todo o curso, o Programa Digaê! enfatizou a defesa do direito à cidade como ferramenta para garantia não apenas do acesso a serviços básicos, mas também a participação ativa na vida urbana de maneira igualitária. Por meio de abordagens como a deriva urbana e a cartografia afetiva, os jovens foram incentivados a analisar a cidade, compreendendo melhor seu contexto e construindo perspectivas para transformar o padrão urbano a partir do desenvolvimento do senso de pertencimento e valorização das comunidades, manifestada por vezes, no desejo de inserir as grotas nos mapas oficiais da cidade.

Essa abordagem metodológica, que investiga tanto a dimensão física quanto afetiva, está alinhada com o movimento “da estima contra o estigma” descrito pelo professor Tiarajú D’andrea²¹ ao discorrer sobre a construção do sujeito periférico. Essa perspectiva reforça o movimento de ao invés de “mudar da grotá, mudar a grotá”, o que dialoga com os dados levantados pela pesquisa sobre o Perfil Socioeconômico dos Moradores das Grotas (ONU-Habitat, 2019) que revela, entre outros, que parte dos moradores manifestam um sentimento de pertencimento a esse território: 43,2% da população continuaria optando pelo imóvel a despeito de outras opções de moradia e 39,4% dos entrevistados disseram que não sairiam da grotá, mas desejam melhorias significativas nos seus territórios.

Ao promover o diálogo entre conhecimentos teóricos e vivências práticas, o Digaê! demonstra a possibilidade de construir uma cidade mais justa, inclusiva e participativa através da mobilização da juventude. Por meio do engajamento com a educomunicação, da luta pelo direito à cidade e da participação ativa para a implementação das agendas globais é possível edificar cidades mais justas, inclusivas e participativas, em que todos os cidadãos possam desfrutar plenamente de sua cidadania em cidades que valorizem todas as memórias.

²¹ D’ANDREA, Tiarajú Pablo. A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 2013. 309 fls. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2013.



À deriva na cidade

A deriva urbana é uma prática que surgiu na década de 1950, liderada por Guy Debord. Trata-se de caminhar sem rumo predefinido pela cidade, buscando experimentar o espaço urbano desvendando sua dimensão simbólica e concreta de maneira subjetiva. A partir do exercício de negar as rotinas e trajetos predeterminados é possível refletir como as relações de poder se manifestam na cidade.

No Digaê!, os jovens saíram à deriva pelo centro de Maceió, instigados por curiosidades e motivações pessoais, buscando observar, questionar e registrar as histórias que a cidade conta. Foi uma das atividades mais marcantes do projeto e provocou os jovens a construir uma perspectiva política e poética do espaço urbano.

O **Digaê!** te convida a viver essa experiência a partir da sugestão de roteiro abaixo.

PASSO 1

Escolha uma área da cidade e prepare um caderno para anotações e um celular ou câmera para fazer registros.

PASSO 2

Defina um objetivo. Pode ser uma busca por detalhes esquecidos, refletir sobre a arquitetura, questões sociais ou simplesmente se permitir uma experiência descontraída.

PASSO 3

Agora é só ‘derivar’ pelos caminhos de interesse, sem mapas e trajetos predefinidos. A ideia é se deixar levar por ruas, vielas e praças que chamem a atenção.

PASSO 4

Registre as impressões, sentimentos e sensações, isso poderá ajudar a refletir sobre a experiência.

PASSO 5

Organize e compartilhe os registros da experiência, por meio da produção de um texto, ensaio fotográfico, fanzine, podcast ou outro produto que sistematize as descobertas e reflexões dessa jornada.



Sonhar um futuro para as grotas

Como eu quero que minha grota esteja em 2030? Essa questão embalou uma discussão do **Digaê!** sobre direito à cidade e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável²². A partir dela, os participantes, que em 2030 ainda serão jovens, expressaram suas demandas e sonhos para o desenvolvimento justo, integrado e sustentável de suas comunidades. O resultado é um manifesto político e poético que fala de justiça, direitos e dignidade, aponta caminhos e convoca responsabilidades.

“COM DIREITO À MORADIA DECENTE E COM INVESTIMENTO EM CULTURA. QUE OS FUTUROS GOVERNANTES OLHEM PRA GROTA.”
Robson Junior

“SEGURA E QUE AINDA TENHA ÁRVORES.”
Cecília Guedes

“ESPERO QUE EXISTA RESPEITO ACIMA DE TUDO, QUE NÃO EXISTA HISTÓRIA MAIS OU MENOS RELEVANTE. E QUE OS DIREITOS SEJAM GARANTIDOS.”
Lucas Aureliano

“DENTRO DO MAPA!”
Ju Paz

“EU DESEJO QUE A MINHA GROTA ESTEJA MAIS FELIZ E JUSTIÇADA. DESEJO QUE A DIFERENÇA ENTRE AS PESSOAS SEJA MENOR.”
Maycon França

“QUE MINHA QUEBRADA TENHA TRANSPORTE, DIREITO À SAÚDE E À EDUCAÇÃO E QUE TENHA MAIS PROJETOS SOCIAIS.”
Rayssa Ferreira

“EU DESEJO QUE TODAS AS RUAS DA MINHA COMUNIDADE ESTEJAM ASFALTADAS, CADA UM COM SUA CASA PRÓPRIA, E QUE TODAS ESTEJAM COLORIDAS. QUERO VER VÁRIOS JOVENS ENVOLVIDOS EM PROJETOS SOBRE DIREITO À CIDADE E NO MUNDO DAS ARTES. TENHO UM DESEJO DE VER UMA PRAÇA COM UM PARQUE NO ANTIGO LIXÃO, LUGAR DE ONDE MEUS PAIS TIRAVAM NOSSO SUSTENTO. QUERO UMA GROTA VIVA, CHEIA DE TALENTOS E JOVENS ARTISTAS E MOBILIZADORES. QUERO ÁGUA ENCANADA EM TODAS AS CASAS, SEM PRECISAR USAR BALDES. DESEJO CRECHE, ESCOLA, POSTO DE SAÚDE E UM LOCAL ILUMINADO.”
Leonardo Pereira

“COM MAIS COR, MAIS CUIDADO, MAIS AMADA E GUARDANDO MAIS MEMÓRIAS BOAS.”
Paula Rodrigues

“QUERO MINHA GROTA MAIS LIMPA, COM MAIS ÁREAS DE LAZER E MAIS CULTURA. MAIS VISIBILIDADE E TODOS OS DIREITOS QUE MERECEMOS.”
Laura Vitória

“NA MINHA GROTA EU QUERO QUE TENHA MAIS CHANCES PARA AQUELAS PESSOAS TALENTOSAS, PORÉM SEM OPORTUNIDADE.”
Lucas André

“COM MAIS ACESSIBILIDADE PARA AS PESSOAS, PARA QUE ELAS SEJAM VISTAS E QUE TENHAM MAIS SAÚDE E LAZER.”
Tanoany Eduarda

“EU QUERO QUE AS GROTAS SEJAM LUGARES ONDE A VIDA SEJA A PRIORIDADE, ONDE AS CRIANÇAS POSSAM BRINCAR LIVREMENTE NAS RUAS, QUE A ESCOLA, POSTO DE SAÚDE E ACESSO A SERVIÇOS BÁSICOS SEJAM TÃO COMUNS QUE NINGUÉM FIQUE SEM DIREITO A ELES. QUE VIVER SEJA TRANQUILO, E QUE, NA ORDEM DO DIA, A VIDA DIGNA SEJA REALIDADE E PRIORIDADE.”
Jadyson da Silva

“EU QUERO QUE MINHA GROTA ESTEJA COM VISIBILIDADE E QUE, QUANDO AS PESSOAS ME PERGUNTAREM ONDE EU MORO E EU DISSER QUE SOU DA VILA EMATER, NÃO ME OLHEM COM PRECONCEITO OU ME PERGUNTEM SE LÁ É PERIGOSO.”
Kavane dos Santos

“QUE ESTEJA MELHOR, COM MAIS SEGURANÇA E COM PRAÇAS PARA QUE AS CRIANÇAS POSSAM BRINCAR.”
Raiane de Lima

“ESPERO QUE TODOS OS MORADORES TENHAM SUAS NECESSIDADES ATENDIDAS E QUE POSSAMOS ANDAR SENTINDO ORGULHO DE SERMOS MORADORES DE COMUNIDADES FORTES E RESISTENTES AO RACISMO, AO PRECONCEITO E A TUDO QUE NOS FERE!”
Maria Victoria

“COM ESCOLA, PRAÇA, SAÚDE ALCANÇÁVEL PARA TODOS. QUE NINGUÉM PRECISE ANDAR MEIA HORA ATÉ UM PONTO DE ÔNIBUS. QUE MINHA RUA SEJA CALÇADA E QUE HAJA SANEAMENTO.”
Débora Nascimento

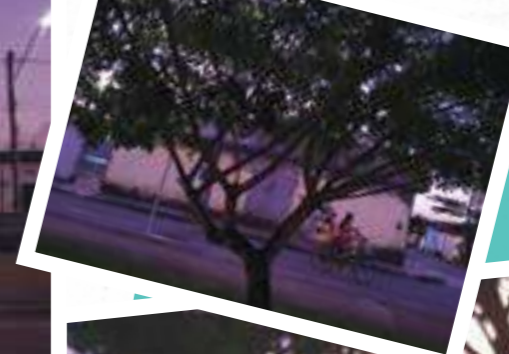
“EU ESPERO QUE A GROTA, FINALMENTE, LIVRE-SE DO ESTEREÓTIPO DE RUIM E QUE A GALERA DA GROTA ESTEJA CONQUISTANDO O MUNDO; QUE TENHA MAIS CULTURA, ARTE, LAZER, ETC.”
Vagner Silva

²² Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>



Olhares periféricos

Produzir imagens das paisagens e do cotidiano das periferias urbanas é uma forma de romper a invisibilização e de construir novas narrativas sobre estes lugares, furando o cerco da homogeneização estereotipada. Com esta provocação e no contexto das discussões sobre direito à cidade, os jovens do Digaê! participaram de um ciclo de oficinas de mobgrafia facilitadas pelo fotógrafo e educador Roger Silva, com ênfase na importância do olhar fotográfico periférico. Como resultado deste percurso, criaram ensaios nos quais trazem suas perspectivas imagéticas sobre as grotas onde vivem. Confira alguns deles:



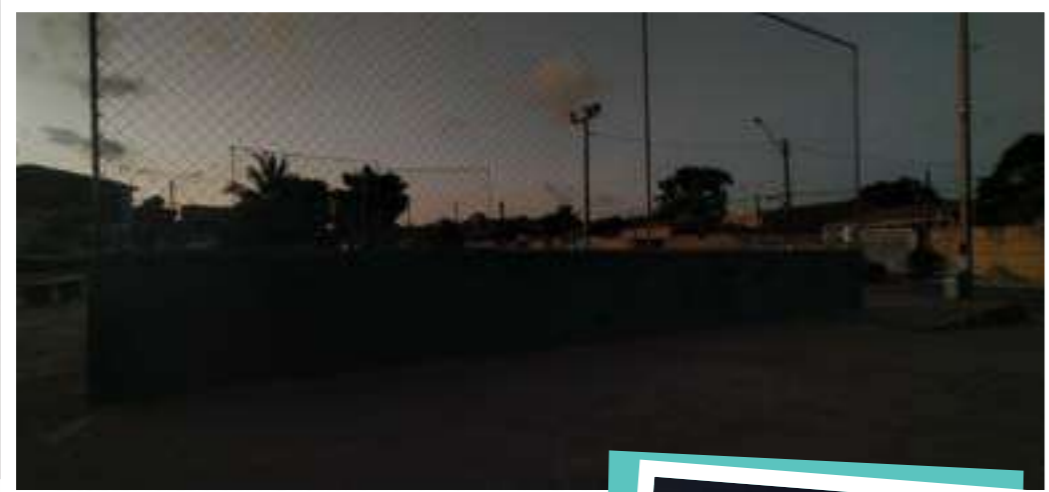
HÁ VIDA!

Ensaio fotográfico por Jadyson Arthur da Silva, jovem mobilizador do Digaê!

O ensaio recebe o título “Há vida!” na tentativa de aproximar o meio urbano à produção da vida nas cidades. Propondo repensar a existência e a organização desta nas periferias, o presente ensaio nos apresenta, por meio do meu olhar, um espaço cheio de desordem, confusão, movimento, energia e contradição. Ao passo em que isso nos demonstra um ambiente repulsivo, o ensaio só existe em decorrência desta vida, como produto e produtor ao mesmo tempo.

Caminhar pelas ruas das periferias da Região Metropolitana de Maceió transmite a sensação caótica da desordem que está em volta. No entanto, quando olhamos com atenção, entendemos que o caos que nos cerca é o jeito que a vida encontrou de se adequar à desordem.

Espero que com esse ensaio eu tenha conseguido questionar o que será do amanhã quando a vida resolver organizar o caos, afinal, como disse Leandro, o Emicida, a vida sempre vence. Sigamos vencendo!



PÔR DO SOL, PRAÇA E A SENSAÇÃO DE PERTENCIMENTO

Ensaio fotográfico por Juliana dos Santos da Paz, jovem mobilizadora do Digaê!

A geografia tem uma categoria de análise chamada lugar. Lugar representa a sensação de pertencimento, os territórios que transmitem de alguma forma a sensação de se estar “em casa”, mas sem se prender às dimensões físicas. Em geral, o lugar costuma ser nosso quarto, casa ou bairro, os locais que passamos mais tempo do nosso dia. Mas existe uma definição contrária para essa categoria que é a de não-lugar ou a sensação de não-pertencimento. E foi esta a sensação que meu ensaio me trouxe.

O meu lugar, o lugar em que eu cresci, estaria lotado de crianças nessa praça, compondo as imagens de pôr do sol. Mas, curiosamente, lá não tem praças como esta, e o pôr do sol, para muitos, não parece tão bonito. De onde eu venho, talvez estar “à toa”, tirando fotos assim, pudesse pôr em risco a minha existência, mas porque será que lá eu me sentia bem mais segura?

Me sinto uma observadora, uma pessoa que não faz parte da paisagem deste lugar. Aqui faz quase tanto silêncio quanto nessas imagens. E a sensação que tenho é que elas não me representam.



Narrativas juvenis sobre o direito à cidade

Confira outras produções midiáticas criadas pelos jovens do Digaê! que abordam diferentes aspectos da discussão sobre o direito à cidade, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e a Nova Agenda Urbana.

EXCLUSÃO

PRODUTO: Documentário em curta-metragem
SINOPSE: Filmado com o uso de aparelhos celulares, o filme retrata a realidade dos moradores do Vale do Reginaldo, uma das principais grotas de Maceió. A região enfrenta um sério problema de saneamento básico que nunca foi resolvido. A discussão em torno deste problema une as grotas da cidade e faz com que o documentário seja uma espécie de coro em torno da luta por melhorias estruturais em Maceió.

FICHA TÉCNICA:
Direção: Thales Gabriel Carneiro Guimaraes
Roteiro: Thales Gabriel Carneiro Guimaraes Raissa Vitória Pereira do Nascimento
Produção: Danilo dos Santos Matias Mikael Kayo Carneiro da Silva Ravane Kaylane da Silva

Assistente de direção: Gilvanna Roberta da Silva Salgueiro
Direção de fotografia: Luís Otávio Valentim dos Santos Dawisson Daniel dos Santos da Silva

Montagem: Lucas Litrento



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/1hmpwz>

A ESPERANÇA VEM DO LIXO

PRODUTO: Documentário em curta-metragem
SINOPSE: O lixo é um grande problema para quem vive nas grotas de Maceió e a situação fica ainda mais complicada em tempos de chuva. O curta-metragem aborda os desafios enfrentados na gruta Santa Helena e como a mobilização social da comunidade foi fundamental para a melhoria da gestão dos resíduos no território.

FICHA TÉCNICA:
Filme de: Laura Vitória | Maria Beatriz | Manoel João | Marcos Victor | Rayssa Ferreira
Captação de Som e Imagem: Laura Vitória | Maria Beatriz | Manoel João | Marcos Victor

Mentoria e Montagem: Janderson Felipe
Entrevistados: Antônio Marcos | José Fernando | Rosilda Melo



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/3hmpwz>

DÁ IDEIA, QUEBRADA!

PRODUTO: Podcast
SINOPSE: Podcast em formato de entrevista discute questões cotidianas de quem vive nas grotas de Maceió, a partir do olhar e dos questionamentos das juventudes.

EQUIPE: Andrey Fábio Belo de Santana | Camilly Gabrielly Belo dos Santos | Faylane da Silva Santos | Jhonata Costa de Oliveira Silva | Nia Pinto da Silva | Raissa Beatriz Bernardes de Mendonça.

Mentora: Wanessa Oliveira - Jornalista (Mídia Caeté)



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/6hmpwz>

SERÁ QUE A CULPA É DO CABRAL?

PRODUTO: Vídeo poesia
SINOPSE: Numa rima ácida e potente, Pedro Bala fala sobre contradições e violências que atravessam a experiência juvenil urbana.

FICHA TÉCNICA: Autoria e declamação de Pedro Bala (pseudônimo de João Pedro Avelino, participante do Digaê!)



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/7hmpwz>





Vivências nas grotas: memória, luta e afeto

Maceió se encontra entre o mar e a região lagunar que dá nome ao estado — as grandes lagunas, em português clássico, alagoas — e se projeta exatamente por suas águas paradisíacas que criam em torno de si um circuito turístico conhecido nacional e internacionalmente. Na outra parte da cidade, onde vive a maioria dos seus habitantes, a vida pulsa longe da badalação do turismo.

A periferia não é homogênea. Nela, é possível identificar diversas porções territoriais, cada uma com suas características próprias, mas atravessadas por um marcador comum: a pobreza. O território periférico maceioense, formado por um conglomerado de sítios, começou a se constituir como atrativo para as pessoas vindas do interior em busca de melhores oportunidades na capital. Nessa época, os proprietários destes sítios começaram a lotear os terrenos, sobretudo nas encostas e descidas: as grotas.

Desse modo, a ocupação das grotas dos sítios ocorre, majoritariamente, a partir da compra de pequenos lotes por parte de uma população formada por antigos trabalhadores rurais. E, se de um lado há um afluxo contínuo de pessoas nestes territórios, o mesmo não se dá em relação aos bens e serviços públicos.

Neste desencontro entre a necessidade e a oferta, o caminho percorrido é o que a população empobrecida de Maceió conhece bem: a luta coletiva

— os mutirões, a solidariedade e a reivindicação junto a quem compete a responsabilidade de gerir a coisa pública e garantir os direitos de cidadania. A luta pela água, saneamento básico, energia elétrica e asfalto é também para romper a invisibilização, conquistar reconhecimento enquanto lugar que existe e constrói a cidade.

A MEMÓRIA É RESISTÊNCIA

No processo de reconhecer e evidenciar as histórias e os discursos de atores socialmente excluídos, a memória social atua como manifestação do fazer coletivo e incorpora vivências individuais e comunitárias. Assim, conforma experiências únicas, por meio de uma dinâmica que reconfigura o passado excludente ao tecer sua representação no presente, na trama das vivências coletivas de seus moradores e moradoras.

Ao tratar da realidade das grotas a partir das vivências de seus moradores, é possível observar que, apesar de singulares do ponto de vista da experiência, as trajetórias enunciam um padrão de marginalização destes territórios no contexto urbano. Assim, se repetem as dores, as privações, as precariedades e também as reivindicações, demandas e lutas.

Mas é importante salientar que a memória da dor não é o elemento central dos depoimentos coletados — o afeto, o pertencimento e a resiliência também permeiam as memórias e as relações construídas dentro das grotas. Estas comunidades não devem ser confundidas ou encerradas nas vulnerabilidades que as afetam. É preciso vê-las na perspectiva da potência, da pluralidade e da cultura. O resgate das memórias nos ajuda a conhecer o passado e o que dele permanece vivo. No caso das grotas, memória é resistência!

UM CAMINHO DE DESCOBERTAS

Durante os ciclos de formação do Digaê!, adolescentes e jovens puderam se debruçar sobre a realidade das grotas e refletir sobre elas tendo em perspectiva o direito à cidade e o direito à memória. Neste percurso, visitaram diferentes comunidades, registraram em fotos e vídeos seus cotidianos, entrevistaram moradores e deram seus próprios depoimentos sobre os desafios e as potências destes territórios. Os textos a seguir derivam deste processo significativo de ver, conhecer e se sentir parte. Não se tratam de textos técnicos sobre a formação, as características ou a história de cada grotas, mas de relatos subjetivos que buscam captar, a partir de experiências particulares, as memórias, as lutas e os afetos que compõem a teia complexa de sentidos das vivências nas grotas.



**Grota
Vila
Emater II**

A vida antes e depois do lixão



A Vila Emater II fica no bairro de Jacarecica, na área do antigo lixão de Maceió. Se formou no início dos anos 1990, a partir da ocupação por migrantes vindos de diferentes regiões do estado em busca de oportunidades de trabalho na capital. Sem encontrar postos no mercado formal, as famílias começaram a construir suas casas nos arredores do lixão, de onde também passaram a tirar o sustento.

Desde 2001, uma série de discussões e campanhas envolvendo o Fórum Lixo e Cidadania de Alagoas, o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu (CEASB) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) trata da necessidade de erradicar o trabalho infantil no local, promover condições dignas para os catadores e implantar a coleta seletiva na cidade. Foi nesse processo que, em 2019, nasceu a Cooperativa dos Catadores da Vila Emater, a Coopvila.

“O lixão iria sair e a gente ia ficar sem nenhuma forma de sobrevivência, e assim a cooperativa foi nascendo a partir de muitas conversas e reuniões. Fizemos o estatuto da cooperativa... Só que muitos não quiseram ficar porque ainda não tínhamos um local para sediar a cooperativa, então a gente retirava as coisas do lixo e levávamos para as nossas próprias casas. Só depois, com o projeto Lixo e Cidadania, com o UNICEF e o Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, que acompanhou todo esse processo, foi que a gente alugou um espaço por um ano. Depois, também através

do Centro de Educação Ambiental, a gente alugou mais um espaço para colocar nossos equipamentos de trabalho”, lembra Dona Eliane da Silva, ex-presidente da Coopvila e moradora da Vila Emater desde 2000.

O fechamento do lixão e a instalação do aterro sanitário ocorreu em 2010 e afetou cerca de 400 catadores. As ações governamentais para a inclusão destes trabalhadores consistiram na contratação de 50 homens por empresas de coleta de resíduos e a entrega de cestas básicas na comunidade. Evidentemente, foram insuficientes para a demanda e muitas pessoas, sobretudo mulheres chefes de família como a Meire, que vive na grota há 36 anos, e a própria Dona Eliane da Silva, ficaram sem fonte de renda e viram na Coopvila uma oportunidade. “Só quem se interessou mais foram as mulheres, porque quando fechou o lixão a prefeitura só ofereceu emprego para os homens, que passaram a trabalhar como garis, por isso tem mais mulheres”, explica Dona Eliane.

A Coopvila tem como princípio a preservação ambiental e a geração de trabalho e renda para os catadores de materiais recicláveis. Com o apoio de diversas organizações, os cooperados tiveram capacitação sobre cooperativismo e acompanhamento técnico. Dona Eliane analisa as vantagens da desativação do lixão e da criação da cooperativa. “[...] Agora a gente tem um trabalho digno e melhorou também o nosso meio ambiente. Porque o lixão estava lá embaixo e hoje em dia é essa montanha. Se ele permanecesse aqui a gente sabe que não teria espaço nem mesmo para nossas moradias.”



CLIQUE
OU ESCANEIE
O QR CODE
PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/3ecavz>

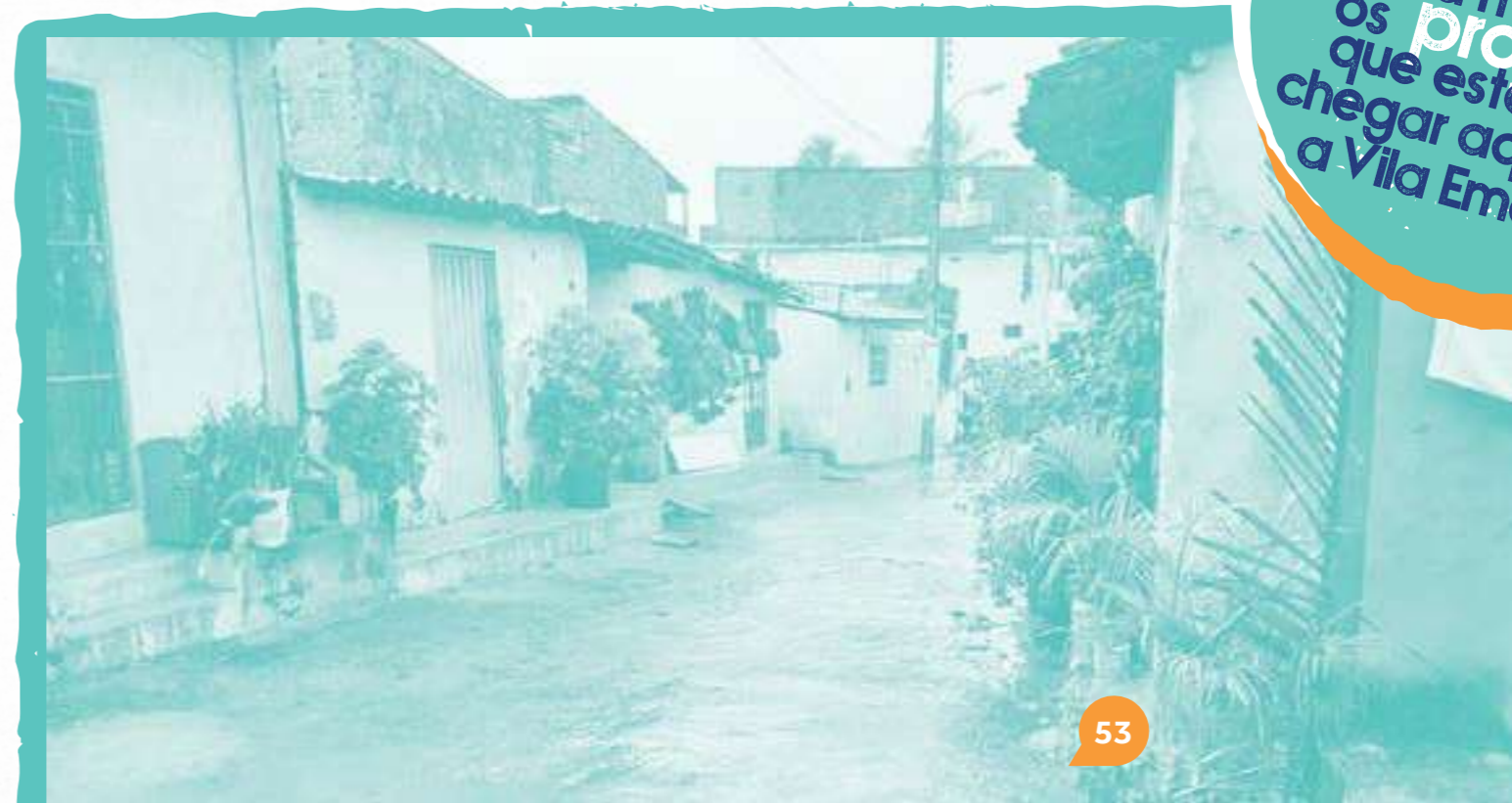
O LIXÃO SAI, A GENTE FICA

O documentário **O lixão sai, a gente fica** foi produzido no âmbito do Projeto Catador Vida e Cidadania da Coopvila. Dirigido por Marcelo Pedroso, o curta teve apoio do Ministério do Meio Ambiente e narra o processo de fechamento do lixão de Maceió e a luta dos catadores pela implantação da coleta seletiva, condições dignas de trabalho e moradia.

O início difícil ainda está na memória de Dona Eliane. “Muitos não quiseram ficar porque a renda era muito pouca. A gente trabalhou três meses para receber, quem trabalhou um mês inteiro recebeu R\$ 40 e quem trabalhou menos, recebeu R\$ 20 e aí muitos foram saindo.” Hoje, o cenário já é outro: as pessoas recebem um salário mínimo e também recolhem INSS pelo trabalho realizado na cooperativa, “por conta disso, muitos já se aposentaram e estão acessando outros direitos por conta da nossa cooperativa. Ela evoluiu, mas tem muito, muito que melhorar ainda”.

Meire se admira com o crescimento da grota e comemora as conquistas de direitos nos últimos anos. “A maior mudança que eu vi acontecer na comunidade foi a pista que fizeram e as casas. Construíram muitas casas que antes eram barracos de lona. Também chegou a água, pois tínhamos que ir buscar lá na caixa d’água, de madrugada. Melhorou bastante e vai melhorar mais ainda com os projetos que estão para chegar aqui para Vila Emater.”

A comunidade que, com a desativação do lixão, vive pressionada pela especulação imobiliária devido à sua localização estratégica e próxima à praia de Jacarecica, segue na luta cotidiana por mais conquistas. E Meire já sonha com os benefícios que o programa Vida Nova nas Grotas vai trazer. “No futuro eu espero que se tenha uma creche para atender nossas crianças. No Vida Nova nas Grotas tem uma creche [prevista] e estamos esperando ela sair. [Quero] um projeto destinado para os jovens também.”



COOPVILA.
Como surgiu a
Coopvila? Disponível
em <http://coopvila.blogspot.com/>

REFERÊNCIAS
MILANI, Ana Maria
Rita, BARROS,
Emanuel Lucas de
Barros. A Experiência
do Empreendimento
Econômico Solidário
COOPVILA da Vila
Emater de Maceió:
Uma análise do
monitoramento do
Projeto “Reciclar e
Educar” no período
2013 a 2015. Revista
Mundo do Trabalho
Contemporâneo. São
Paulo, v.2.2, 2017,
p.289-312.

“Melhorou bastante e vai ainda mais com os projetos que estão pra chegar aqui para a Vila Emater.”

Grota
do
Arroz

Maracatu e resistência cultural

A Grota do Arroz fica no bairro de Cruz das Almas, onde segundo os moradores mais antigos havia um sítio. No local, corria um rio e havia também uma plantação de arroz, que inspirou o nome da grota. “*Quem plantava era uma família que tinha um menino que ficava falando ‘olha o arroz, olha o arroz, olha o arroz’, e daí ficou conhecido como o menino do arroz.*”

A plantação de arroz acabou porque, no lugar, colocaram o lixão, mas a comunidade manteve o nome como forma de homenagear o menino que, infelizmente, foi atropelado e faleceu. “*A comunidade criou o bloco de carnaval Menino do Arroz, dedicado às crianças, mas que os adultos também aproveitam.*” Quem conta esta e outras histórias da Grota do Arroz é Everaldo Geraldo de Melo, conhecido como Babalorixá Doté Elias, rei do Maracatu Nação a Corte de Alagoas, antes chamado de Maracatu a Corte de Airá.

O Maracatu Nação a Corte de Alagoas foi criado em 2009, com o intuito de resgatar as manifestações culturais ligadas aos terreiros de Maceió. Além disso, desempenha um papel importante no enfrentamento de problemas sociais que afetam a comunidade e foi fundamental para desconstruir o estigma da violência associado à Grota do Arroz. “*Percebi que não tinha nada aqui, então foi aí que a gente começou a promover algumas coisas, como festa das crianças, São João. [...] Eu acredito na cultura, pois a cultura muda. Vou unir o útil ao agradável, eu vou exercer minha missão perante ao meu ancestral com*

o Maracatu e ele vai agregar socialmente. [...] Depois do maracatu, as pessoas começaram a ter uma visão diferente da Grota do Arroz”.

Hoje o Maracatu conta com cerca de 40 integrantes que vivem na Grota do Arroz. A participação da comunidade é fundamental para fortalecer o sentimento de pertencimento “*[...] O Maracatu Nação não é só um grupo percussivo. O Maracatu tem alas. O percussivo é o coração que vai marcando as batidas e os integrantes são as veias e as alas formam um corpo vibrante, onde temos o rei e a rainha e as damas de passo, que é uma parte ancestral do maracatu. E em 2010 a gente colocou o nosso Maracatu na praça, no Maceió Folia — a gente saiu com cerca de 40 pessoas da comunidade.*”

Na ausência de espaços e equipamentos públicos de cultura e lazer na grota, o Maracatu também ganha relevância ao abrir seu espaço para outras manifestações culturais comunitárias, como o grupo de capoeira e o coco de roda, que utilizam a sede para suas atividades. “*No momento, estamos querendo ampliar o nosso espaço para que outros grupos possam realizar a atividade aqui. Nosso pensamento é que as pessoas possam se sentir à vontade independente de religião.*”

Apesar do reconhecimento pelo trabalho sociocultural que desenvolve, o Maracatu ainda sofre com o preconceito religioso por estar associado a uma religião de matriz afro-indígena, mas já foi pior, como lembra Pai Elias de Airá: “*Quando eu cheguei, eu fiz uma pesquisa para entender como era o processo daqui. Mas não foi tão fácil. Quando o pessoal ficou sabendo que aqui existia um terreiro, teve uma pessoa aqui que tentou fazer um abaixo-assinado. E aí o presidente da associação da Grota do Arroz, que era evangélico nessa época, falou para ela ‘aqui tem igreja católica, tem igreja evangélica e qual o problema de ter um candomblé?’ O sol nasceu para todos!”*

“Depois do maracatu, as pessoas começaram a ter uma visão diferente da Grota do Arroz.”



**Grotas
da
Bananeira**

**"A gente tá
perto de tudo"**



Vinte e uma das cem grotas de Maceió ficam no bairro do Jacintinho, cujo nome homenageia Jacinto Athayde, proprietário do imenso sítio que se tornou um dos bairros mais populosos e diversos de Maceió. Nele é possível identificar diversas divisões territoriais; uma delas é vista nas áreas do mercado e da feirinha, com a estrutura urbana e serviços que atendem ao bairro e, inclusive, os supermercados, que convivem lado a lado com mercadinhos e antigas bodegas. Esse conjunto diverso e dinâmico de comércios atravessa o território, sobretudo a partir do viaduto em direção ao bairro do Barro Duro — a feirinha praticamente faz a fronteira entre eles.

Caminhando do viaduto para o Canal 5, o comércio diminui de intensidade, restando uma parte mais residencial. É nestas proximidades que fica a Grotas da Bananeira. A comunidade ocupava toda a região, mas depois foi cortada pela construção da Avenida Coronel Paranhos, que a dividiu em duas partes, uma a leste e outra a oeste. Descendo pela Rua Jardineira e pela Rua Belém, encontra-se o Vale do Reginaldo, subindo está o Centro Santo Antônio e as duas ladeiras que hoje são asfaltadas.

A Grotas da Bananeira teve início no final dos anos 1960 e, atualmente, é o lar de mais de 400 pessoas. Recentemente, o Programa Vida Nova nas Grotas realizou obras de melhorias urbanas na comunidade e Dilão, liderança comunitária local, narra as transformações promovidas desde

então. *“Se você olhasse antes, não ia ver o que está vendo agora. Hoje tem uma escadaria, tem uma estradinha para o pessoal passar... Antes caíam, quebravam braço e hoje você entra e sai de moto, só não entra carro porque a estradinha é estreita e não tem largura para os carros passarem. Além disso, algumas casas foram restauradas, só não tem uma praça porque não tem espaço”.* Matheus da Silva também relata a falta de um espaço na comunidade para a realização de atividades. *“Aqui é pequeno, geralmente a gente faz atividades fora da comunidade, porque aqui não possui espaço para esporte ou outras atividades.”*

O jovem Matheus, que vive na Grotas da Bananeira desde que nasceu, há 22 anos, fala sobre a sua relação com a comunidade e as experiências de discriminação. *“Eu gosto de morar aqui, estamos perto de tudo, da praia, do centro da cidade, temos a feirinha bem pertinho e quando precisamos de algo é só caminhar um pouco e encontramos. Mas a gente sabe que muitas vezes as pessoas que são de fora acabam olhando pra gente de outra forma e julgando que quem mora em grotas e periferia é maloqueiro, quando na verdade não é, aqui tem pessoas boas”.* E sonha com um futuro com mais direitos, *“espero que a gente tenha mais oportunidades de trabalho e estudo para nós jovens. Espero que aqui seja diferente, que haja melhores condições de vida para todos.”*

Formando agentes de transformação

A Grota Aldeia do Índio fica no bairro do Jacintinho, no local onde antes havia, de fato, uma aldeia. “Veio o Jacintinho — toda aquela história de que quem comprou essa região foi o seu Jacinto —, e aí muitos indígenas foram expulsos dessa região, porque foi colonizada, né?”, conta Márcia Marina da Silva, da Associação das Irmãs Sagrado Coração de Jesus, que atua na comunidade.

A Aldeia do Índio foi uma das 75 grotas atendidas pelo Programa Vida Nova nas Grotas. Lá foram construídos 758 metros de escadarias e cerca de 3 quilômetros de corrimão para facilitar o acesso dos moradores. Também foram implantados 420 metros de canaletas e mais de 3 mil m² de passeio, garantindo mais segurança aos moradores.

Mas Genildo Ferreira de Lima, morador há 24 anos no local, relata que a comunidade ainda enfrenta dificuldades, sobretudo em período de chuva. “Quando chove bastante, a rua fica sempre alagada e a gente tem que dar um jeito de desentupir os bueiros. Quando lá de cima vem aquelas correntezas muito fortes, é bem difícil a gente sair de casa. Eu moro perto da barreira e ela tá sempre num cai não cai [...] Há um mês e quinze dias que a gente fez uma paredinha com bloco de concreto para a barreira não ceder e bater na nossa casa. Sempre foi assim. Mesmo depois que reformaram.”

Para Márcia, um dos desafios atuais da grota é a falta de lideranças. “Antes a gente tinha muitas conquistas. O que existe hoje na comunidade foi justamente através das lideranças, porque, diante do quadro de necessidades, as pessoas se uniam com as associações e com as igrejas para mudar a realidade.” Ela lembra que foi a organização coletiva que viabilizou o acesso a direitos básicos. “Nessa comunidade, foi a luta da população que garantiu o acesso à água. Inclusive, foi construído um poço e até hoje existem as caixas d’água, que todo mundo vê aqui na Aldeia, é ali na praça”.

Márcia faz parte de uma entidade social que atende crianças da Grota Aldeia do Índio e busca formar agentes de transformação. “O nosso maior compromisso é que as crianças não venham aqui só pra ocupar um espaço de tempo, mas que essa atividade leve elas a sonhar e cada vez mais acreditar que é possível dentro da sua comunidade ter mudança de vida.”

”Nessa comunidade, foi a luta da população que garantiu o acesso à água”.

Grota do Mocambo

"O que todo mundo quer é ter uma casinha"

Em meio à movimentação das grandes áreas urbanas, a Grota do Mocambo, que fica localizada no bairro do Benedito Bentes, destaca-se pela sua característica com traços rurais, marcada pela forte presença da natureza e por suas belas paisagens.

A tranquilidade agrada Katiana de Sousa Cabral, mãe da jovem Letícia Cabral, que participou do segundo ciclo de formação do Digaê! Ela destaca o contraste entre a grota e a agitação da parte de cima do bairro. "Antigamente, era muito perigoso, violento. Mas hoje em dia eu prefiro morar aqui, pois aqui a gente não escuta zoada. Lá em cima é uma zoada danada, perto do Cruzeiro, perto do terminal do Mocambo, e aqui a gente fica sossegado."

Katiana conta que a harmonia com a natureza pode ser vista nos costumes da população que aproveita os espaços de área verde para plantar árvores frutíferas e conviver com os animais. "O bom de morar aqui é porque aqui a gente tem onde plantar. Aqui tem pé de jaca, manga, acerola, abacate, goiaba, jabuticaba, bananeira. Tem também galinha, gato, cachorro, passarinho, tartaruga, periquito, papagaio, sagui. Tem de tudo, parece uma fazenda."

A grota não conta com equipamentos ou espaços públicos de convivência, esporte e lazer, então os próprios moradores organizam momentos de convivência e diversão nas áreas disponíveis do entorno. "Aqui a gente improvisou o campo, íamos para dentro dos matos e brincávamos de bola, de queimado, soltando pipa, era uma festa [...]. Hoje em dia as crianças também fazem o mesmo. Antigamente, a gente costumava ir no cercado para chupar cana, mas agora o dono tirou as canas e plantou eucalipto. Tem também um açude que as pessoas vão mais para pescar como uma forma de lazer."



Muitos dos moradores vieram morar na grota em busca de oportunidades de trabalho oferecidas por uma fazenda localizada na região, perto da estrada Duas Bocas. A história de Katiana repete a de tantas outras famílias que se acomodaram como foi possível no terreno precário e passo a passo foi se estabelecendo. "A gente veio de São Paulo em busca de mais oportunidades. Estamos aqui há 22 anos. Quando a gente chegou na grota, o [bairro do] Benedito era pequeno ainda. A gente foi morar numa fazenda na estrada Duas Bocas, aí depois conseguimos esse terreno e viemos pra cá. Aqui era um lixão. Trabalhamos muito para deixar o terreno plano. Primeiro, a gente fez uma casa de taipa com um cômodo só. Quando a gente terminou de construir, a gente já entrou na casa e o barro ainda tava tão mole que quando alguém encostava na parede ficava melado. As outras casas também eram todas de taipa. Essa casa de bloco quem ajudou a gente a construir foi o meu sogro. Ele que nos deu os materiais. A casa de taipa já estava caindo e aí fizemos essa às pressas. Mas um dia eu vou fazer uma casinha do jeito que eu quero: cada filho com um quarto, minha cozinha com uma cerâmica, trocar as telhas, mas tudo é no seu tempo."

Nos últimos anos, o Programa Vida Nova nas Grotas tem promovido melhorias habitacionais e obras de infraestrutura e mobilidade urbana. Ainda assim, a comunidade enfrenta desafios e dificuldades provocados pela vulnerabilidade local. "[...] As escadarias melhoraram um pouquinho, mas, quando chove muito, a água desce com tudo e tem lugares em que as casas enchem de água. Antigamente era barro mesmo; a gente descia escorregando, hoje em dia tá melhor. Fizeram só as escadarias, mas a gente queria que tivesse um lado de rampa porque facilitaria a descida com carros de mão, cadeiras de rodas... Falaram que iam voltar aqui de novo para terminar o serviço, vamos esperar."

Para Katiana só haverá sossego pleno na Grota do Mocambo quando todas as pessoas puderem realizar seus sonhos de moradia digna. "Eu espero que a grota seja melhor ainda do que está sendo hoje! Com uma estrutura melhor. Que as pessoas possam construir suas casas, pois ainda tem muitas pessoas que vivem em casa de taipa, que todo mundo possa construir suas casinhas para morar. E que cada um consiga realizar os seus sonhos. O que todo mundo quer é ter uma casinha."

Grota do São Jorge

"Um ajuda o outro"

A Grota do São Jorge fica no bairro com mesmo nome e possui acesso pela Rua Presciliano Sarmento, contando com duas entradas — uma pela rua Edgar Sarmento e outra pela rua Capitão Correia. Dona Edjane, moradora da comunidade há mais de 20 anos, lembra bem dos desafios que já enfrentou na comunidade. *"Antes era só barro e quando chovia a gente levava queda, escorregava, era muito difícil descer por aqui, ia parar lá no chão, mas hoje está ficando bom."* Maria Cícera, que também vive há duas décadas na grota, fala das mudanças lentas e reclama do abandono, *"[...] até agora a única mudança que vi acontecer, além das ruas, foi a escadaria que estão fazendo, porque antes disso nunca se via uma mudança aqui. É uma grota muito esquecida."*

A Grota do São Jorge não tem associação de moradores ou liderança comunitária. Para Edjane, isso seria fundamental para mobilizar a população e articular o diálogo com o poder público sobre as demandas da comunidade.

Entre as principais reivindicações da comunidade estão a construção de uma creche, a criação de espaços de convivência como uma quadra e uma praça, além de melhor condição de acesso ao transporte público, pois, além da longa espera pelos ônibus, a grota não conta com alternativas de linhas para muitas áreas da cidade.

Para Maria Cícera, a relação de companheirismo e solidariedade é a principal potência do território. *"Um ajuda o outro quando alguém está precisando de algo. O pessoal é muito unido"*, celebra Maria Cícera.



"O mais importante são as pessoas"

Grota das Piabas

A Grota das Piabas é mais uma das grotas localizadas no bairro do Jacintinho. Marinalva Salvador, conhecida como Dona Nena, vive lá há mais de 15 anos e conta que neste período pouca coisa mudou, além do crescimento da grota. *"Do lado esquerdo não tinha casa no córrego. E agora já tá cheio de casas. A única coisa que mudou foi isso. A escada aqui perto continua do mesmo jeito."*

Eloísa Graciliano, jovem mobilizadora do Digaê!, resalta o senso comunitário como o principal destaque da grota. *"Não existem áreas verdes e não tem pavimentação. O que a comunidade tem de mais importante são as pessoas. Os próprios moradores se juntam para pôr uma ponte, para colocar uma lâmpada na comunidade."*

Em 2021, o Programa Vida Nova nas Grotas reformou 89 casas na nessa grota, mas os moradores ainda aguardam a realização de outras intervenções. *"Um dos maiores desafios da comunidade é a pavimentação, porque quando chove é horrível de passar. Quando tá seco já é ruim e quando chove fica pior. Já teve reunião para falar sobre o Projeto Vida Nova nas Grotas que ia chegar, mas até agora não chegou"*, lamenta Eloísa.

A falta de espaços públicos de convivência, esporte e lazer é também um problema que afeta a grota. *"Só tem um campo de futebol, mas não é na grota, fica no Loteamento Verde Vale"*, conta Eloísa. Apesar de não ter equipamentos públicos, a grota conta com atividades culturais e esportivas como o coco de roda, taekwondo e capoeira. Mas, para Dona Nena, diversão mesmo é receber a visita da família. *"Meus filhos ligam e falam: 'Mãe, a gente vai passar o dia aí' e vem todo mundo [...] Eu sou mãe de 11 filhos, 18 netos e 4 bisnetos. É uma festa!"*



Grota Flexal de Cima

Entre invernos e resistências



Desde 2018, Maceió é o centro do maior conflito socioambiental²³ do país. O afundamento do solo, fissuras e a abertura de crateras pelas ruas obrigaram 55 mil pessoas a deixarem suas casas nos bairros do Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto e parte do Farol, criando imensos bairros fantasmas. O Serviço Geológico do Brasil (GPM) concluiu que a exploração de sal-gema (cloreto de sódio) pela mineradora Braskem é a principal causa da instabilidade do solo, que provocou, além de danos materiais e financeiros, drásticas rupturas nas relações sociais e o apagamento da memória e do patrimônio imaterial dessa região.

Parte dos bairros afetados — Pinheiro, Mutange e Bebedouro — está situada no lado oeste de Maceió, junto à margem direita da Lagoa Mundaú. É nesse contexto que fica a Grota Flexal de Cima, localizada no bairro do Bebedouro. Lá, a ação da Braskem também afetou a pesca de sururu na lagoa. “O trabalho parou depois da Braskem, depois que ela entrou. O sururu tá nascendo feito uma lesma e, de preto que é, tá ficando branco quando a gente cozinha. Não fica bom, e a gente não vai trabalhar com o que não presta”, relata Fátima do Rosário dos Santos, moradora da grota. Além de fonte de sobrevivência de muitas famílias, a lagoa também é o espaço de lazer que guarda boas lembranças da comunidade. “Eu gosto muito da lagoa de quando eu e minhas irmãs éramos pequenos, a gente tomava muito banho nela, hoje em dia não dá mais porque tá muito poluída”, recorda Manuel Juvino da Silva, participante do Digaê!

Apesar de não reconhecer a responsabilidade pelos danos, a Braskem encerrou a exploração do sal-gema em Maceió e criou o Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (PCF), que consiste em garantir novas moradias para os afetados e no pagamento de auxílios e indenizações. Mas a região dos Flexais estava fora do mapa de desocupação e, portanto, não foi incluída no PCF. Depois de muita luta dos moradores, em outubro de 2022, o Ministério Público Federal, Defensoria Pública da União,

Ministério Público de Alagoas, a Prefeitura de Maceió e a Braskem firmaram o Termo de Acordo para Implementação de Medidas Socioeconômicas Destinadas à Requalificação da Área do Flexal, em função da situação de isolamento econômico e dificuldade de acesso a serviços básicos.

Ainda hoje, é possível identificar pessoas morando em áreas de riscos nessas grotas. A família de Manuel foi uma das afetadas e usou o recurso do aluguel social, concedido pelo programa da Braskem, para sair do fundo do vale e se mudar para a parte de cima da grota. “Com o dinheiro, minha mãe comprou a casa agora, mas até então a gente morava de aluguel. O local não foi por escolha, mas pela condição. Não tem como morar em uma casa que, além de pagar o aluguel, tem que pagar água e energia”, relata Manuel.

Na Grota Flexal de Cima os moradores convivem com o risco de acidentes e deslizamentos de terra no período chuvoso. “Sempre foi assim de difícil acesso, se você quiser socorrer uma pessoa, tem que ter cuidado quando está chovendo porque é muito liso. Só não é muito perigoso no verão, mas no inverno sempre tem acidente [...] Quando caiu a barreira no quintal da minha casa eu chamei a Defesa Civil, só vieram 15 dias depois [...] Aí já tinha caído também a parte da frente da calçada. Falaram que iam dar lonas, mas isso foi no inverno do ano passado e nunca deram as lonas; deram em algumas partes, mas onde eu moro não.”

A situação dos moradores foi agravada com a desocupação dos bairros afetados pela Braskem. Agora, isolados dentro dos bairros fantasmas, os moradores reivindicam melhores condições de vida e realocação. Enquanto isso não acontece, lamentam o abandono. “É muita dificuldade aqui. Falam que vai melhorar, falam que vão fazer as coisas, mas nunca fazem e a gente só vê nas outras [grotas] que está tudo organizadinho, tudo calçado, e aqui parece que é um canto esquecido. E a gente sempre com a bunda na lama levando queda”, lamenta Juliana dos Santos Silva, moradora da grota e mãe do jovem Manuel.

PARA ASSISTIR

Vídeo experimental
Bairro Fantasma, produzido pelos jovens do 2º ciclo de formação do Digaê! em uma das regiões afetadas pela ação da Braskem, em Maceió.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!
<http://tiny.cc/9hmpwz>

²³ Para saber mais sobre o caso Braskem, acesse:

1) Conflito de extrema complexidade entre população de Maceió e mina de sal-gema da Braskem envolve danos irreparáveis, Focruz, disponível em <http://tiny.cc/g3y9vz>

2) Caso Pinheiro/Braskem - Linha do tempo, MPF, disponível em <http://tiny.cc/i3y9vz>

Grota Chã de Bebedouro

Olha o bonde do bebedouro!

Bebedouro é um dos bairros mais antigos de Maceió, cheio de histórias sobre as boas festas, os encontros políticos, a Lagoa Mundaú e a linha férrea. Para a Dona Josefa do Carmo Santos, avó de Mikael Wanderson Guimarães da Silva, jovem participante do Digaê!, a lembrança preferida que guarda com carinho e saudosismo é do bonde que circulava pelo bairro. *“Quando eu cheguei no Bebedouro ainda tinha os bondes. Parecia um carro do trem, mas a linha é mais estreitinha. Aí ele passava tocando o sininho, era um acontecimento e os moradores ficavam dizendo ‘olha o bonde, olha o bonde’, e o bonde tocando o sininho, tirim, tirim, tirim... Eu me lembro ainda. Mas eu não andava de bonde porque tinha medo, só andava mesmo no ônibus. Tinha dois trens também, um para União dos Palmares e outro para o centro de Maceió.”*

“A Grota Chã de Bebedouro surgiu quando os moradores vieram do interior para o Bebedouro e o bairro passou também a ser considerado um dos mais pobres do estado. Não sei exatamente quando surgiu, mas a minha família mora aqui há 60 anos. O nome ‘Chã de Bebedouro’ vem do bairro que fica abaixo que é chamado de ‘Bebedouro’. Se deu esse nome por conta do Riacho do Silva que antes era usado para dar água aos animais e também por ser chamado assim pelos moradores”, conta Manoel João dos Santos Junior, jovem participante do Digaê!

Para Manoel, a experiência de ser jovem na grota tem seus desafios e ele conhece bem o estigma que pesa sobre o lugar. *“Pra mim, é tranquilo.*

Mas eu sei que quem não mora em grota tem uma visão generalizada de que todos os moradores são marginais. Então, eu como morador sinto que preciso me esforçar muito pra tentar desmistificar essa visão quando estou em um ambiente fora da grota.”

O Bebedouro foi um dos bairros afetados pela exploração inadequada de sal-gema pela Braskem, que resultou em um dos maiores crimes ambientais urbanos do mundo, provocando o afundamento do solo, rachaduras nas casas e abrindo crateras pelas ruas nos bairros do Bebedouro, Pinheiro, Mutange, Bom Parto e parte do Farol. Além disso, os impactos da extração de sal-gema também causaram outros prejuízos aos territórios, principalmente para as pessoas que moram nas grotas. No Bebedouro, uma das áreas afetadas foi a educação, com o fechamento de unidades escolares e a transferências de estudantes para outras regiões.

As organizações da sociedade civil que atuam nestes bairros estão sendo fundamentais tanto para reivindicar a responsabilização da Braskem no atendimento às famílias quanto para contornar os impactos do crime ambiental no cotidiano das comunidades. É esse o caso do CentroArt, que desenvolve ações nas áreas da educação, esporte e lazer nas grotas da região do Bebedouro. A organização é liderada por Alcira Cavalcante. Nascida e criada na comunidade — prata da casa, como diz —, ela mesma participou de projetos sociais na infância e juventude e reconhece a importância deles. Hoje com 42 anos, desde os 18 se dedica à instituição e desde 2009 é a gestora do local.

Alcira relata que após a situação da Braskem o CentroArt passou a atuar também na educação infantil para atender a necessidade das grotas do Bebedouro. *“Há três anos eu desenvolvo um projeto focado na educação infantil devido à situação da Braskem que acabou com o bairro do Bebedouro, prejudicando a comunidade, principalmente os mais necessitados. A gente só tem hoje duas escolas públicas aqui no bairro, que é a Escola Estadual Doutor Miguel Guedes Nogueira e a Escola Jornalista Freitas Neto, e elas só atendem do ensino fundamental I até o ensino médio. As duas escolas não dão conta porque o bairro é grande. A educação infantil principalmente, porque são os pequenininhos, e as mães que precisam trabalhar vão deixar as crianças onde?”*

Grota do Rafael

"A gente não faz nada sozinho"

A Grota do Rafael, como tantas outras na cidade de Maceió, foi formada por pessoas vindas do interior do estado ou outras regiões periféricas da cidade e que, por falta de melhores condições financeiras, começaram a ocupar o terreno precário para construir suas moradias. Hoje, mais de milhares de pessoas vivem na grota que leva o nome do seu primeiro morador e está situada no populoso bairro do Jacintinho.

Pierre Santos, ex-presidente da associação de moradores da grota do Rafael e idealizador do Instituto Nova Vida, vive na comunidade desde 1996 e lembra bem das dificuldades enfrentadas. *"Quando cheguei aqui nem carro andava. A gente não tinha coleta de lixo porque os carros de lixo não entravam aqui. Era só carroça, só lama e animais."*

A comunidade tem cicatrizes das tragédias consequentes da precariedade e do abandono. *"Há 15 anos mais ou menos, tivemos um problema com deslizamentos de barreiros, um jovem faleceu e outro ficou ferido. Foi um momento muito triste para a família e para a comunidade e a tragédia fica na memória."* Após a realização de obras de contenção de encostas, os deslizamentos deixaram de ser um pesadelo constante dos tempos de chuva, mas as enchentes são um risco ainda presente. *"A gente tem alguns problemas com as limpezas dos canais e das galerias e a gente precisa solicitar a limpeza nesse período chuvoso. Mas melhorou, antes, no período de chuva, para chegar aqui de carro, e até mesmo andando, vínhamos sapeando dentro da lama. E agora minimizou bastante."*

Foi sob a pressão dos moradores que o poder público, aos poucos, garantiu alguns dos direitos básicos da população da Grota do Rafael. A luta coletiva e popular que precede a ação do Estado repete a história de tantas periferias urbanas brasileiras. *"Era muito descaso: sem água, sem energia, os veículos não chegavam nas portas, nem os carros da coleta de lixo entravam. Mas depois da articulação da associação de moradores tudo isso melhorou. A gente não faz nada sozinho, por meio de uma parceria com os amigos conseguimos trazer para cá a pavimentação, a energia, a água, e uma das coisas mais importantes para mim foi resolver a questão do lixo."*

Atualmente, não há lixo acumulado irregularmente, entulho ou lixões, e existe na maior parte da grota a coleta de resíduos porta a porta, realizada pelos garis comunitários. Segundo Pierre, as melhorias relacionadas à gestão do lixo vieram com a implantação, em 2013, do projeto Varre Grota, que reúne a iniciativa privada, a Prefeitura de Maceió e a própria comunidade. *"O Varre Grota foi muito importante para manter a comunidade limpa. Esse projeto conta com 10 garis comunitários e mais um fiscal e também gera emprego para a própria comunidade."*

Com obras de intervenções urbanísticas realizadas pelo poder público, a Grota do Rafael ganhou espaços públicos de convivência, como uma quadra esportiva e uma praça, mas os moradores apontam a necessidade de investimentos e manutenção permanentes. *"Eu queria muito que o poder público olhasse para a praça, já que se faz tantos projetos de urbanismo — a gente olha as praias e lá são colocados brinquedos, em outros locais também —, quando lembro da inauguração sempre penso na pracinha da comunidade, onde a gente realiza todos os eventos. E fico triste porque ela tá abandonada."*

Pierre também reivindica mais incentivo à cultura e, por que não, o direito à festa. A festa enquanto uma dimensão fundamental da vida comunitária, espaço de sociabilidade, celebração e construção de laços e, claro, de desenvolvimento econômico. *"Não temos mais festas nas comunidades. Mas anteriormente a gente tinha como fazer porque a gente participava do edital da Fundação Cultural e acessava o dinheiro para os gastos do São João. A gente alugava uma tenda, o forrozeiro, e era uma ajuda para os próprios moradores da comunidade que quisessem colocar um milho assado, uma pamonha, uma canjica, o comércio em si e também para os artistas da comunidade. A gente tem artistas, forrozeiros, sanfoneiros, tecladistas. Hoje fazem um evento e já chamam os artistas de fora e os artistas da terra não participam. E isso me deixa triste. Seria muito importante que tivesse um edital para atender os projetos da comunidade."*

Entre o sonho e a esperança

No Bairro do Antares, é possível observar duas grotas muito próximas, mas com diferenças bem notáveis. De um lado, está a Grota do Antares, popularmente conhecida como Grota do Vale do Jaboque, onde houve intervenções do Vida Nova nas Grotas. Do outro, a Grota de Esperança, que ainda não conta com intervenções urbanísticas e enfrenta as dificuldades provocadas pela precariedade da infraestrutura.

Os moradores da Grota do Antares trazem na memória lembranças de um período recente em que precisaram enfrentar maiores desafios pela vulnerabilidade da comunidade. A moradora Verônica Maria da Silva conta que antes “as escadarias eram horríveis, só lama, não tinha degrau, era só terra. Hoje é mais organizado”, comemora.

Estes desafios ainda hoje são sentidos na pele pelos moradores da grota de Esperança, que a chamam de “lado esquecido”. Por lá, não chegaram obras de revitalização e as pessoas convivem com escadarias precárias e sem corrimãos, ruas de terras que em dias de chuvas viram barro, dificultando a mobilidade. As pontes são de madeiras improvisadas, o lixo é descartado nas valas, não há calçamento nas vias e as plantas crescem de forma espontânea nas ruas.

Moradores relatam que no início da ocupação do território a situação era ainda pior e não contavam com energia elétrica e nem água encanada. “A água foi o que demorou mais para chegar, a energia chegou primeiro. A água a gente tinha que ir buscar no rio, na Grota da Caveira, que fica do outro lado. A gente tinha que sobreviver, minha mãe levava meu irmão e eu, a gente tudo pequeno, e a gente passava o dia todo lá, minha mãe lavando roupa. Era mais ou menos uma hora de caminhada até chegar lá”, conta Janáina Gonçalves da Silva, moradora da Grota de Esperança há mais de 40 anos.

Os relatos afetivos ficam por conta das brincadeiras populares vivenciadas na comunidade. Ivone Celestina da Silva, moradora da Grota do Antares há mais de 30 anos, recorda a infância. “Quando eu era criança minhas

brincadeiras eram totalmente diferentes das outras meninas, eu gostava de jogar bola, soltar pipa, jogar chimbra (bola de gude) e nas horas vagas eu brincava de boneca, mas as bonecas eram feitas com cabelo de milho, pois eu nunca tive a chance de ter uma boneca e de ter nada. Hoje eu tenho um quarto com urso, boneca, carrinho, panela de brinquedo, tenho um quarto completo com isso, já que não tive oportunidade de ter na infância”.

Quando há ausência do poder público, quem estende a mão são as organizações da sociedade civil que atuam no território, como o Instituto Amigos da Sopa de Alagoas (IASAL), lembrado com carinho pelas ações de solidariedade realizadas na comunidade. O IASAL fica no bairro do Antares e desenvolve ações de assistência às comunidades da região, como distribuição de roupas, brinquedos, produtos de higiene e alimentos. Para Tibério Jorge, idealizador do instituto, o principal objetivo da organização é o combate à fome. “As pessoas com fome têm mais dificuldade para trabalhar e para estudar. Com fome, fica difícil raciocinar e as crianças nem brincam.”

O IASAL também realiza trabalhos formativos com jovens e adultos, promovendo cursos e oficinas para a fabricação caseira de produtos de limpeza, artesanato em geral, culinária, além de atividades esportivas, assistência social, alfabetização de adultos e idosos e reforço escolar para as crianças. Foi nas aulas de alfabetização da instituição que Ivone Celestina aprendeu a assinar o nome, momento que conta com muito orgulho. “Eu aprendi aqui na Amigos da Sopa a assinar o meu nome e a autoestima foi lá para cima. Eu fui a mais desenrolada de todas. Quem não sabe ler, aprender é o céu! Antes eu ia pegar o ônibus e não conseguia ler os letreiros, perguntava para o povo e o povo ensinava errado, mas hoje eu já consigo pegar um ônibus sozinha, já faço uma lista de feira, já mexo no telefone, nos aplicativos de mensagens. Mesmo com escolas aqui próximas eu tinha vergonha, chegava e tinha muitos adolescentes, aqui eu tive a oportunidade e aproveitei, me senti acolhida. Hoje eu participo também das outras atividades da instituição, como a atividade de artesanato. Antes eu não conseguia ensinar para o filho, para um neto, mas depois que aprendi, hoje eu ensino para todo mundo.”

Junto com os moradores, o IASAL também cobra o poder público para realizar a limpeza e a manutenção das grotas e, segundo Tibério, o próximo passo é organizar a comunidade para reivindicar melhorias urbanísticas também no “lado esquecido”, na Grota da Esperança.

Grota do Cigano

"Você nunca mais vai esquecer"

Há cerca de 50 anos, um terreno de fundo de vale próximo ao Lar São Domingos, localizado no bairro de Mangabeiras, passou a ser morada de famílias vindas sobretudo do sertão em busca de oportunidades na capital de Alagoas. Um grupo de ciganos/romani estava entre os primeiros moradores da comunidade e, provavelmente, vem daí a inspiração para o nome da comunidade. Assim nasceu a Grota do Cigano.

Antes imensidão de mata, hoje a Grota do Cigano é um emaranhado de casas, escadarias, becos e vielas que guardam a história e a memória de figuras como Júnior Nogueira. Líder comunitário há 15 anos, ele já vive na grota há 45 e viu a comunidade crescer. Também presenciou as dificuldades provocadas pela precariedade e a falta de infraestrutura urbana. *"A minha primeira lembrança é quando meu pai tinha um chafariz aqui e a gente colocava água para a população, porque não tinha acesso à água na época, só o meu pai que tinha um poço e fornecia água para o pessoal. Então, eu tenho essa memória dos moradores da Grota do Cigano junto do seu Nogueira, no chafariz."*

Dona Madalena, que há 43 anos faz morada na Grota do Cigano, ainda traz viva a lembrança de um começo desafiador. *"Isso aqui era um mato, não tinha nada, era mato. E eu procurando casa pra morar, tava meio desabrigada, aí encontrei aquela ali, comprei com meu marido e tô aqui esse tempo todinho"*. Liderança comunitária por muito tempo, ela é uma das responsáveis pelas conquistas de direitos e serviços básicos na comunidade.

Daniel Rodrigues da Silva Santos é produtor de eventos e vive na Grota do Cigano desde os cinco anos. As memórias dele também são permeadas pelos desafios enfrentados em um passado que não está tão distante. *"As ruas hoje estão melhores, mas antigamente eram todas de barro. As pessoas tinham que fazer escadas de barro pra subir pra feirinha e comprar alguma coisa e, até mesmo, trabalhar."*

As muitas ausências e a discriminação compõem o conjunto das violações cotidianas sofridas pelos moradores do Cigano. *"A gente só tem que ir pra pista, batalhar, batalhar, batalhar, por que a gente não pode ter alguma coisa na nossa comunidade pra não ter que sair daqui de dentro? [...] E quando a gente vai daqui pra lá, a gente não é bem visto, algumas pessoas até mudam de calçada, mudam de lugar [...]. Para eles, a nossa presença*



incomoda demais, porque eu acho que eles não querem se misturar com a gente", revolta-se Daniel.

O carnaval, o futebol, a conversa jogada fora, a solidariedade também estão ali convivendo com tudo isso, tecendo as relações comunitárias e construindo os afetos que também fazem parte da vida na Grota do Cigano. Júnior Nogueira celebra essa experiência: *"Eu gosto de estar aqui, eu gosto de me divertir aqui. Nós temos esse parque linear, que agora tem um horário do futebol lá. A gente senta nessa pracinha pra tomar uma cerveja, pra bater um papo, pra resenhar..."*

O PASSADO FICOU PARA TRÁS

A Grota do Cigano foi uma das 75 grotas que já receberam ações do Programa Vida Nova nas Grotas. Entre as melhorias urbanas e sociais promovidas na comunidade, está a construção de um Parque Linear de 6 mil m² que abriga espaços de esporte e lazer e, em breve, também vai abrigar uma Clínica de Saúde da Família e uma Creche CRIA. O parque foi idealizado por crianças e jovens durante uma oficina realizada pelo ONU-Habitat e pelo Governo do Estado. *"[...] Tinha um muro muito grande ali, que cobria a cara da grota. A partir do momento que ele foi derrubado e foi feito o parque, ele quebrou uma barreira e hoje a gente não se sente inferior ao pessoal da área nobre. Eles vêm de lá pra cá pra se divertir numa área nossa [que], apesar de ser pública, leva o nome do Cigano. Então, hoje a comunidade do Cigano vive uma outra realidade. O passado ficou muito pra trás"*, comemora Júnior.

As intervenções do Vida Nova nas Grotas também promoveram outra transformação simbólica no Cigano. A antiga Praça da Morte passou por revitalização e ganhou dos moradores um novo nome: Praça da Boa Esperança. Conhecida antes pela violência que assombrava os moradores, a praça agora é mais um espaço para uma boa prosa sobre um futuro que está logo ali.

"As coisas foram melhorando de um tempo pra cá, mas de pouquinho. Aí foi quando as luzes e a água vieram [...], mas aqui, como eu disse para vocês, era um transtorno, meu filho, era tudo escuro. Teve gente que até chorou quando teve água!"



Assista ao vídeo do depoimento de **DONA MADALENA**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/ghmpwz>

"Pra mim, quando se trata do Cigano, tudo é maravilhoso. Mas você vindo pra cá num dia de bloco de Carnaval você nunca mais vai esquecer na sua vida!"



Assista ao vídeo do depoimento de **JÚNIOR NOGUEIRA**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/ihmpwz>

"Eu cheguei aqui com cinco anos de idade e até agora eu tô vivendo aqui, graças a Deus. Isso aqui não era assim, a gente nunca sonhava de ter uma praça lá embaixo. Lá é o centro de tudo, a gente vai pra lá, reúne-se, conversa, brinca."



Assista ao vídeo do depoimento de **DANIEL RODRIGUES DA SILVA**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/chmpwz>

Grota da Caveira
Grota da Alegria

Histórias de lutas

A Grota da Caveira fica localizada nos bairros Antares e Benedito Bentes e foi rebatizada pelos moradores para Grota da Alegria. Muitos dos seus primeiros habitantes eram trabalhadores das usinas de cana-de-açúcar que, ao serem demitidos, foram expulsos das moradias que ficavam nas terras das usinas. Sem ter onde viver, estes trabalhadores passaram a ocupar o território da parte alta de Maceió que, na época, tinha uma aparência interiorana e era muito arborizada.

No início, a grota foi batizada com esse nome por conta do Rio da Caveira, que existia na região. Moradores antigos contam que o nome se refere aos corpos que eram jogados no local na época da Ditadura Militar.

Já o nome Grota da Alegria foi dado por um de seus primeiros habitantes, que não gostava do título Caveira. “Contam que um dos primeiros moradores da grota, ao chegar no território, disse: ‘que nome feio, esse lugar é tão abençoado’. E aí ele batizou como Vale da Alegria, porque ele achava que esse nome ficava melhor. Aí a grota foi se povoando na medida em que o Benedito Bentes se desenvolveu e se urbanizou e a grota ficou conhecida como “Grota da Alegria.”

Problemas como falta de calçamento e buracos nas vias e a ausência de saneamento básico são algumas das precariedades enfrentadas pelos moradores da grota. Para reivindicar melhores condições de vida no território, foi necessária muita mobilização comunitária.

As organizações da sociedade civil que atuam na região foram fundamentais nesse processo. É o caso do Centro de Educação Popular e Cidadania Zumbi dos Palmares (Cepec), liderado pelo Pastor Vando, que além da atuação de mobilização política, também tem ações voltadas para a cultura e a educação, como oficinas de artesanato, fotografia, capoeira e banda de pau de lata.

Pastor Vando recorda a luta para cobrar do governo a pavimentação das ruas da comunidade. “A gente se organizou, fez um abaixo-assinado, enviamos para a Prefeitura e, com a pressão da população, o projeto foi colocado no orçamento do ano seguinte. Mas o calçamento da Rua São Jorge foi feito só até uma parte, até a segunda ponte ainda tem calçamento [...] Também foi necessária muita mobilização para melhorar a Rua São Paulo. Juntamos toda a comunidade, pegamos dois ônibus e fomos para a secretaria de Infraestrutura que funcionava perto do Jaraguá, na época. Passamos um dia e uma noite acampados e aí a gente conseguiu que as reformas na rua São Paulo entrassem no orçamento público e seis meses depois a rua estava toda calçada. Isto retrata um pouco das histórias de lutas da comunidade.”

Cecília Victória Silvino Guedes, jovem participante do Digaê!, mora na comunidade há 18 anos e destaca as relações afetuosas e o senso comunitário que existe na grota. “O pessoal daqui ajuda muito, é como uma grande família. Tem dias que uma família fica sem comida, então, o pessoal faz doação. Quando alguém quer construir uma casa ou fazer alguma reforma tem pessoas que ajudam também.”

Para ela, a experiência de ser jovem na grota é, ao mesmo tempo, marcada por desafios e potências. “As pessoas de fora têm uma visão violenta daqui e isso acaba por prejudicar a gente. Mas eu cresci rodeada de pessoas que eu vejo como família, que eu tenho certeza que posso contar com elas para qualquer coisa. Se tivesse algo que pudesse compartilhar da comunidade seria a cumplicidade e a alegria de viver aqui.”

Foi necessária muita mobilização para melhorar a Rua São Paulo.”

Rimando com a resistência

Ainda criança, Mayara Patrícia, moradora da Grota do Canaã há 29 anos, precisou fazer um trabalho escolar sobre um córrego na comunidade. Foi então que ela descobriu que, antigamente, ele era um rio com um fluxo maior e de águas limpas. Ouvia dos primeiros moradores da grota que ali eram encontradas ossadas e por isso foi batizado de Rio do Osso. Mayara não sabe se a história é verdadeira, mas sabe bem que o Rio do Osso transbordava no período chuvoso e enchia as casas próximas.

Essa lembrança, no entanto, ficou no passado. A Grota do Canaã, situada no bairro com o mesmo nome, foi uma das que recebeu melhorias urbanas do Programa Vida Nova nas Grotas. Com elas, afirma Mayara, as enchentes não voltaram a ocorrer. *“Depois das reformas, esse rio nunca mais transbordou; esse problema que tínhamos, hoje em dia não temos mais. Ele enche, mas não transborda. As ruas foram asfaltadas e antes quando chovia ficavam cheias de lama.”* Mesmo assim, Mayara diz que o risco dos deslizamentos de encostas ainda assombra a comunidade.

Na entrada principal da Grota do Canaã existe uma praça com brinquedos. É um espaço de convivência importante, mas Mayara sonha mesmo é com a reforma do campinho de terra em uma quadra poliesportiva para impulsionar a prática esportiva na comunidade. *“O espaço do campinho vira uma lama em tempos de chuva. Tudo que a gente queria era essa quadra. Estamos correndo atrás e a gente vai conseguir [...] Através desta quadra vamos conseguir muitas outras atividades esportivas.”*

A quadra, quem sabe, poderia também sediar as ações do projeto Faça Uma Criança Sorrir, realizado por Mayara com apoio de alguns amigos e do Alex Santos Oliveira Junior, o Gordão, morador do bairro do Canaã e idealizador da Batalha do Cangaço. Inicialmente voltado para a realização de ações no Dia das Crianças, o projeto foi se ampliando e hoje promove outros eventos da comunidade. Antes do Faça Uma Criança Sorrir, as ações do bairro do

Canaã ficavam concentradas apenas na parte de cima da grota. *“A gente que mora aqui na grota tinha que subir até o bairro principal para participar de algum evento, pegar brinquedos, doações, essas coisas. Os projetos que eram realizados só lá na parte alta, estão vindo fazer parte do que acontece aqui embaixo também. Estão com o olhar mais carinhoso aqui para a grota”,* comemora.

Um desses projetos é a Batalha do Cangaço, que reúne jovens das periferias de Maceió para duelarem por meio de rimas. *“Um garotão que também é do movimento hip hop, o Genilson, nos puxou pra fazer uma ação do projeto Faça Uma Criança Sorrir e já faz dois anos que a gente vem fazendo. Foi quando vimos que poderíamos fazer uma coisa aqui. A comunidade toda cola e eu falei ‘a gente vai fazer uma batalha aqui na grota’”,* conta Alex.

A oportunidade veio com o Digaê!. A primeira Batalha do Cangaço realizada dentro da Grota Canaã aconteceu durante o Festival Digaê Quebrada, promovido por um grupo de jovens participantes do programa. *“Quando Felipe [jovem mobilizador do Digaê!] me procurou e falou que queria realizar um evento em parceria com a Batalha lá na praça de cima, eu disse não, vamos realizar aqui na grota. Aí eu falei com Mayara e ela nos ajudou na organização do evento. [...] Se o poder público não realiza evento na grota, a gente se organiza para fazer.”*

Depois da primeira batalha na grota, o grupo deseja inseri-la na programação permanente de atividades da comunidade. *“Foi uma reafirmação de que aquilo precisava acontecer, um movimento que tem que continuar acontecendo na grota”,* conclui Alex.

Eu já desci na grota tantas vezes, garotão
Para ver uns pacotes estirados lá no chão
Eu via o crime todo dia na minha comunidade
Mas tive um pensamento para mudar a minha cidade
E o hip hop veio para me ajudar
Eu sempre gostei de rimar
mas não tinha ninguém para me incentivar
Apreendi fazer algo diferente, garotão
quebre os ciclo e as correntes da sua mão
Eu penso diferente e pensando em mudar
fiz até uma batalha para o povo se inspirar
desce lá no Canaã para fazer um movimento
e hoje a gente tem um conhecimento
mais duro que um cimento
E meu sentimento vai bater nas ruas
quando uma tia me parar para perguntar
quando terá mais um movimento na quebrada
Eu quero que meus manos nunca mais morram para o crime
Quero menos traficante e o dobro de artista
Faço rima todo dia dentro do busão
E eu acho que com minha rima eu promovo a construção
rimando para ti e para o tio da igreja
falando de hip hop e educação
(Rima de ALEX GORDÃO)



Memórias de amor e luta

A Grota do Moreira fica no bairro do Jacintinho e leva o nome de um morador antigo que compartilhava energia elétrica com outras famílias quando este direito ainda não era garantido para toda a comunidade. A Unidade de Saúde da Família João Moreira da Silva também homenageia o pioneiro.

“Essa unidade de saúde é muito importante para a grota, porque agora os moradores não precisam se deslocar para ter atendimento. Além disso, tem uma característica diferenciada, pois trabalha diretamente com as famílias e faz acompanhamento nas casas das pessoas. O agente comunitário de saúde é um elo entre a comunidade e a equipe de saúde da unidade. A gente chega e só em uma conversa sabe se a família está bem ou se está precisando de algo. É uma outra relação.” Quem conta é Ana Lúcia Melo dos Santos, ex-moradora e agente comunitária de saúde na Grota do Moreira. Ana também lidera a ONG Casa Luz, que atua no local promovendo ações sociais, culturais e esportivas, como aulas de dança, capoeira, futsal e doação de leite. *“Eu tenho um amor muito grande por essa comunidade e sei que posso contribuir ainda mais para melhoria da vida dessa população”,* declara.

Josiane Maria Gomes mora na Grota do Moreira há 38 anos e recorda as dificuldades vivenciadas na infância. *“Tinha um córrego, um esgoto a céu aberto enorme na frente de casa, não tinha calçamento, as ruas eram todas de barro e quando chovia era um horror: não dava nem pra sair de casa, para se locomover a gente usava pontes de madeira. Eu lembro muito disso porque a gente tinha que tomar cuidado para não cair no esgoto porque era fundo. A infância da gente foi muito isso.”*

Hoje as condições de infraestrutura da grota estão melhores, mas faltam oportunidades para as crianças e os jovens da comunidade. *“Eu queria que tivessem políticas públicas destinadas para os jovens, como as atividades esportivas. Aqui tem uma quadra, mas não vejo atividades para esse público, também queria que tivesse mais atividades culturais, como a dança, que os jovens e as crianças pudessem participar.”*

Na Grota do Moreira, foram as mulheres que iniciaram e protagonizaram a luta popular para garantir melhores condições na comunidade na década de 1980. Depois de conseguirem junto à Companhia Energética de Alagoas (CEAL), antiga empresa pública de energia elétrica do estado, a instalação de energia na grota, a instalação de energia elétrica na grota, elas passaram a pressionar a Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) pelo acesso à água.

Ana Lúcia é uma dessas mulheres e conta que esta batalha foi mais árdua, pois a Casal alegava questões técnicas para não fazer a ligação no território. Então, os moradores compraram canos e fizeram a instalação por conta própria, provando a viabilidade da instalação. Esse gesto, além de prover as necessidades da comunidade, foi também um ato de rebeldia-protesto-denúncia contra a invisibilidade, a criminalização e a negação de direitos básicos.

“Quando a Casal chegou e viu que estávamos com água, cortou o fornecimento que a gente havia feito. Quando foram embora, a gente ligou de novo. A Casal foi desligar umas cinco, seis vezes e a gente ligava novamente. A última vez que vieram cortaram a água e ainda levaram os canos. Mas a gente foi comprar de novo os canos e fizemos novamente a instalação. Só aí foi que a Casal resolveu fazer a instalação definitiva, pois perceberam que a gente não ia desistir”, conta Ana Lúcia.

A construção dos banheiros foi outra grande luta travada pela comunidade. Os próprios moradores fizeram o levantamento das casas sem banheiros ou com banheiros em condições precárias. Segundo Ana, o relatório foi entregue à Secretaria Municipal de Saúde, que viabilizou a doação dos materiais e a construção foi feita em mutirão por pedreiros da comunidade, no início da década de 1980.

Para a moradora, que já teve a casa destruída três vezes e também a sede da ONG Casa Luz por conta de deslizamentos de terras, um dos principais problemas enfrentados no Moreira é o risco de desabamento em alguns pontos da grota. *“A Grota do Moreira hoje está muito bem! Tem água, energia, internet, escola, muitos comércios. O que falta mesmo é só resolver a questão das encostas. Quem mora em grota só vive bem e despreocupado na época do sol, mas com a chuva todo mundo fica apreensivo.”*



Grota da Macaxeira

Solidariedade e organização popular

Antigamente, só existia a Grota Nosso Senhor do Bonfim, mas como houve um aumento da população, as pessoas também foram ocupando outras partes. Como era uma descida e as pessoas plantavam muita macaxeira, essa área ficou conhecida como Grota da Macaxeira.”

Quem conta a história da formação da Grota da Macaxeira, localizada no bairro de Chã da Jaqueira, é Célio Osvaldo da Silva, líder da Associação Comunitária Jaqueira Unida (Asscojau). A comunidade tem cerca de 20 anos e há quase 10 conta com a associação para organizar as reivindicações populares junto ao poder público. “Resolvemos criar a Asscojau porque a maioria das pessoas só procuram formalizar uma associação quando chega a época de eleições, com o intuito de se beneficiar. A gente não queria que fosse assim [...] Não tínhamos nada de benefícios do poder público, quando nós criamos nossa associação corremos atrás de melhorias para a grota”, lembra.

Assim como em outras grotas de Maceió e periferias urbanas Brasil afora, os moradores da Macaxeira trazem na alma as marcas do sofrimento provocado por tragédias evitáveis que derivam do abandono vivido por milhares de famílias empobrecidas. Em 2017, um temporal muito forte derrubou barreiras, matando pessoas e desabrigando outras tantas. Além da reação do poder público, a solidariedade e a articulação comunitária foram fundamentais para enfrentar a dor e socorrer as famílias. “Isso foi um fato que me marcou e muito. A associação ficou como um espaço de doações de

roupas e alimentos que a própria comunidade conseguiu juntar para ajudar quem estava precisando mais.”

A Grota da Macaxeira foi uma das 71 que receberam obras do Programa Vida Nova nas Grotas e, com as intervenções urbanísticas promovidas, como construção de muros de arrimos, escadarias e pontilhões, o risco de desmoronamentos parece ter ficado no passado. “Depois que foram feitas melhorias urbanas pelo poder público na grota não ocorreu, até agora, nenhuma tragédia como essa [...] Considero muito importante para a realidade da comunidade o programa que trouxe melhorias habitacionais para cá”, comemora Célio.

A falta de equipamentos públicos destinados a cultura, lazer e esporte é uma queixa recorrente nas grotas de Maceió. “O poder público deveria investir mais em áreas públicas nas grotas. Porque com esse investimento os jovens poderão se ocupar com atividades esportivas e culturais.”

Assim como em outras comunidades, os moradores da Grota da Macaxeira se organizam para driblar as dificuldades e improvisar espaços de convivência. Lá, eles ocupam um terminal de ônibus para fazer as festas comunitárias de São João. “É pouco, mas ao mesmo tempo é bastante coisa, pois a comunidade não tem para onde ir. E é bom pois a gente consegue trazer recursos para a nossa comunidade, porque movimenta o comércio do local e o recurso financeiro fica circulando na própria comunidade.”



"Viver sossegado no canto que a gente mora"

A ocupação da área do Vale do Reginaldo aconteceu a partir da década de 1950, assim como em muitas regiões de favelas de Maceió, devido ao fluxo migratório das pessoas vindas das cidades do interior para a capital alagoana, que enxergaram nos assentamentos informais um lugar possível para construir suas casas e estabelecer suas famílias.

"A formação geológica é como se fosse um buraco. E as pessoas foram entrando e se agrupando e as barreiras foram ganhando vida, ganhando pessoas, cores, casas. E aí você conseguia ver de cima uma redoma enorme cheia de casas onde passa o riacho Salgadinho", conta Thales Gabriel Carneiro Guimarães, participante do Digaê!

Para Thales, as dificuldades enfrentadas pelos moradores da grota despertam a empatia, a solidariedade e a compreensão mútua. *"Eu acho que quando a gente nasce em um lugar assim, a gente acaba tendo a certeza de que as dificuldades serão maiores. Mas se relacionar com esse lugar traz também um grande senso de humanidade; você começa a entender a dor do outro e o peso que o outro carrega todos os dias e isso acaba transformando até mesmo a sua personalidade."*

É isso que colabora para a relação comunitária harmoniosa existente no local, que produz o sentimento de irmandade e une forças para enfrentar as tragédias vividas na comunidade, muitas vezes com a organização de mutirões, como destaca Thales. *"Em 2017, quando teve uma chuva torrencial que acabou derrubando inúmeras casas, a ajuda de dentro da própria comunidade foi muito maior do que a de fora. Teve toda uma rede de apoio aqui. Até hoje as escadarias estão destruídas, tem barro por todo lugar, sendo impossível subir sem acabar escorregando no lodo que*

se formou, e todas as vezes que tem mutirão de limpeza são os próprios moradores que participam", relata.

Na ausência do poder público, as ações e eventos culturais também são promovidos pelos moradores. *"Infelizmente o Vale do Reginaldo é tão invisível para o [os poderes] executivo municipal e estadual que nenhum evento é feito aqui [...] São as pessoas que acabam levando entretenimento para a comunidade. Os comerciantes montam barracas, montam tenda, emitem talões de bingos para que as pessoas possam ter um dia de lazer e o dinheiro arrecadado é voltado para a própria comunidade. É muito louco ver que as pessoas acabam cuidando mais do lugar do que quem realmente deveria fazê-lo",* analisa.

No Reginaldo existem muitos domicílios em área de risco e as principais reclamações dos moradores estão relacionadas à falta de infraestrutura, como destaca Quitéria de Freitas, moradora da grota. *"Quando começa a chover, ninguém dorme. Amanhece o dia. Só a população daqui sabe o que sofre."* Adriana Lopes também relata as dificuldades enfrentadas por quem mora na beira do canal da comunidade: *"É difícil porque, principalmente, quem mora na beira do canal tem que 'desfilar' mesmo. Ninguém dorme com medo de transbordar e alagar as casas. O certo seria calçar essa rua, colocar saneamento, né? Tudo certinho pra quando chover as pessoas não fiquem aperreadas."*

Para quem vive na Grota do Reginaldo o desejo é que todas as pessoas possam viver dignamente em suas casas. *"A gente quer que seja feito o que eles [políticos] prometem. Que chegue logo esse dia que é pra gente descansar mais, viver mais sossegado no canto que a gente mora. É isso que a gente espera: que as coisas melhorem mais e seja muito melhor pra gente",* comenta Maria Aparecida, outra moradora da grota.

"Quando a gente
nasce em um
lugar assim, a
gente acaba tendo
a certeza de que as
dificuldades
serão maiores."

"Minha família e tantas outras se aquilombaram no Morro do Ary"

Por **MARY ALVES**

Faz 38 anos que meus pais, vindos do interior de Iateguara (AL) em busca de emprego na cidade de Maceió, moram na Grota do Ary, mais conhecida como Morro do Ary. Eu nasci aqui. Minha relação com esse lugar é de pertencimento. Atualmente, eu subi para o visionário do morro. Até os 19 anos eu estava embaixo, no pilar do morro, onde toda água escorria pelas escadarias e a gente só via a sua força. Escuras, marrons. Dizer que me sinto pertencer, aos 29 anos, junto de minha família a esta comunidade é refletir sobre fortaleza, sobre coletividade, sobrevivências. Tudo isso me faz pertencer!

O lugar com que mais me identifico na grota é o pico visionário, no alto, de onde conseguimos ver todo o morro. As escadarias, as casas, os campos, o verde, as crianças brincando nas escadas, o padeiro subindo com a caixa de pão na cabeça, o mar azul ao fundo. Quando eu era criança, lembro que todos os dias esperava minha mãe voltar do trabalho. Por volta das 19h30, ela riscava lá em cima e devagar vinha descendo as escadas enquanto eu gritava: "mainhaaaa" (risos). Às 21h, meu pai subia a ladeira interna, que fica dentro do morro, para ir trabalhar. Pra mim e meus amigos, a brincadeira era contar até o morro cobrir ele todo e não dar mais para vê-lo.

Minha família e tantas outras contam que se aquilombaram no território do Morro do Ary ao tentar uma vida melhor na cidade e então tiveram que ocupar a grota. Tendo em vista a falta de acesso à terra na cidade, restavam as grotas que estavam à margem das principais ruas planas. Meus pais lembram que era praticamente só mata quando eles chegaram. Só dava pra ver o íngreme do morro, que aos poucos foi ganhando formas com as casas que começaram a ser construídas, conta minha mãe. Há poucos registros sobre desde quando a comunidade existe, mas muitos dizem que faz mais de 50 anos, assim como o próprio Jacintinho, que é habitado desde 1950.

A origem do nome, assim como o nome 'Jacintinho' se deu em homenagem aos primeiros habitantes do Morro do Ary. Amauri Barbosa Ferreira, mais conhecido como "Ari do Morro", recebeu essa homenagem dos próprios moradores, porque seus familiares foram os primeiros a chegarem no território.

O que a comunidade tem de mais importante é o seu povo. Povo que dá movimento à grota, que forma uma identidade local, que partilha até os dias atuais as estratégias de sobrevivência. Mesmo diante de tanta exclusão e

falta de atenção por parte dos gestores, esse povo se refaz e se reconstrói todos os dias! Pra mim, os maiores desafios estão associados à falta de políticas públicas específicas para as grotas! Não tem posto de saúde na Grota do Ary. Não tem escola pública dentro da Grota do Ary, não tem praça ou sequer um espaço de socialização para a comunidade. Além disso, recentemente construíram um muro que atravessa a grota e tirou inteiramente a acessibilidade do local, revelando o grande apartheid do direito ao bem viver na cidade.

As principais atividades da grota estão centradas na dinâmica do cotidiano que é um reflexo do que chega como oportunidade para seus moradores. Rotinas de trabalho, crianças brincando na rua, tantas vezes dentro dos esgotos, as igrejas que são construídas em casas comuns pelos próprios moradores da grota, sendo essas as principais atividades recorrentes na grota. A realidade é que muitos adolescentes e jovens ocupam outras grotas do Jacintinho para ter acesso à cultura hip hop, ao coco de roda, às aulas de capoeira e zumba.

Eu desejo que em 2030 a Grota do Ary esteja sendo mais cuidada pelos gestores públicos. Desejo que não haja lixo e esgotos abertos. Que haja segurança para os moradores, acesso à saúde, educação, cultura, esporte e lazer. Que os idosos não precisem subir as escadarias carregados dentro de lençóis. Que os noticiários sobre as grotas sejam sobre as potências delas e não sobre assassinatos e violência.

Até os dias atuais, se procurarmos nos canais de pesquisa "Morro do Ary", veremos que tudo que aparece sobre esse bairro é trajado de violência. O senso comum reproduz a ideia de um lugar sujo e violento, mas isso já está ultrapassado e temos que dizer que desejamos dignidade, respeito através da execução das políticas específicas que qualquer espaço - território precisa. Avante!



CONHEÇA O TRABALHO DE MARY ALVES

A Mary é uma artista antirracista, cantora e compositora. Conheça o seu álbum Amor Preto Cura!
<http://tiny.cc/icyavz>



Fazer o bem sem olhar a quem

A Grota da Amizade, localizada no bairro do Jacintinho, era conhecida como Escadaria da Amizade, por causa das moradias que inicialmente ficavam no entorno dessa área da comunidade. Mas à medida que foram chegando mais pessoas para viver na região, a ocupação do território foi aumentando e ganhou o novo nome.

Os primeiros habitantes vieram das cidades interioranas de Alagoas, estabeleceram-se e constituíram famílias na grota. Foi assim para a família de Rosimere da Silva Vieira, mais conhecida como Rosenina, moradora da grota e liderança comunitária desde os 18 anos de idade. Para ela, a amizade não fica restrita ao nome, a boa convivência e as relações de afeto são características marcantes da grota. *“Cada dia que passa vão chegando mais pessoas na comunidade e a amizade vai crescendo, aqui todo mundo ajuda todo mundo, não tem esse negócio de não querer estender a mão para o outro. Fazer o bem sem olhar a quem é o nosso lema aqui.”*

Ao longo dos anos, a Grota da Amizade foi passando por transformações urbanísticas que melhoraram a sua infraestrutura. Rosenina vive na comunidade desde quatro anos de idade e conta como era a grota encontrada por seus pais há 36 anos. *“Era muito mato e poucas casas,*

a Escadaria da Amizade era de barro, tinha muita lama, principalmente quando chovia. Antigamente, para trazer um gás de cozinha para casa tinha que ser transportado de carro de mão. Hoje é uma escadaria de verdade, de cimento. Com o tempo foi evoluindo e hoje a gente vê a extensão da grota com muitas casas, uma praticamente em cima da outra, muitas escadarias, muitas vielas e assim foi formada a nossa grota.”

Diante da invisibilidade e do descaso, a luta popular é o caminho que os moradores das grotas utilizam para cobrar do poder público os seus direitos. Na Grota da Amizade não foi diferente. Foi preciso muita mobilização para conquistar o mínimo, seja cobrando ação governamental, seja articulando ações solidárias e mutirão. *“A gente tem tido bons avanços. Em 2019, quando chovia muito, o córrego transbordava e as casas alagavam. Mas a gente conseguiu fazer com que o poder público realizasse uma obra e hoje não entra mais água na casa das pessoas.”*

Ela também conta com orgulho da ação realizada pelo Instituto Social Grota da Amizade, do qual é presidente, para revitalização das escadarias. *“No final do ano, as escadarias estavam cheias de lodo, o instituto conseguiu doações de tinta e uma equipe formada só por mulheres realizou um mutirão para pintá-las. Deixamos as escadarias bem destacadas mesmo e com cores bem bonitas.”*

Atualmente, fruto da articulação comunitária e do diálogo permanente com o poder público, a grota conta com a manutenção dos córregos, a corte de mato, melhorias na iluminação dos espaços públicos com lâmpadas de leds e a pavimentação de ruas. Rosenina destaca que a comunidade também espera pelas obras de revitalização do Programa Vida Nova das Grotas que ainda não foram iniciadas. Apesar dos avanços reconhecidos pela comunidade, a grota continua enfrentando alguns desafios e reivindica melhorias na infraestrutura urbana, a criação de equipamentos e espaços públicos de convivência, esporte e lazer, como uma quadra e uma praça para que as pessoas possam realizar atividades coletivas.



A vista mais bonita de Maceió

A Grota Monte Azul, situada no bairro Chã da Jaqueira, faz parte do complexo Santa Helena, o qual também contempla as grotas Santo Amaro, Chã Nova, Travessa Florestal, Conjunto Vitória e Santa Helena.

Antigamente, a região era composta por vegetação da Mata Atlântica e as primeiras residências foram construídas pela própria população, como recorda Petrucio Venâncio, morador antigo e integrante da Banda Pífano Sagrado Coração de Jesus. *“Cheguei aqui com cinco anos de idade. Aqui não residiam pessoas, era só Mata Atlântica e as pessoas foram construindo a grota.”*

As memórias dos moradores também são povoadas pelos desafios de uma vida cercada de privações e vulnerabilidades. *“O acesso daqui já foi muito horrível. De primeira, quando chovia, todo mundo aqui ficava perdido dentro d’água”,* recorda Cícero de Magalhães, morador da Grota Monte Azul há 47 anos.

A Grota Monte Azul recebeu intervenções do Programa Vida Nova nas Grotas que realizou a construção de escadarias e a instalação de corrimãos, a implantação de canaletas para o escoamento das águas pluviais e de muros de contenção. *“Hoje, depois que fizeram esse serviço aí, tudo melhorou. Essa grota aqui formou um paraíso agora, porque antes era só lama. Você chegava aqui no tempo de São João, para ir à Jaqueira, para tudo era lama descendo a barreira, morrendo gente — e morreu um bocado de gente aqui soterrada.”*

Mesmo com as melhorias urbanas recentes, o risco de deslizamento na época das chuvas ainda preocupa moradores, como Cícero. *“Toda a vida foi um sacrifício, vem melhorando de um tempo pra cá. Quer dizer, tem muitas estruturas boas, mas tem muitas a fazer que ninguém olhou ainda: que é o escoramento de barreira, porque aqui era pra ter escoramento. Eles fazem as frentes, mas atrás das casas é que ficam os perigos - nas barreiras.”*

Aqui, a ausência de espaços públicos também é um problema e são os próprios moradores que se organizam para ressignificar ou criar novos espaços de convivência, como fez Petrucio Venâncio: *“Essa pracinha aqui fui*



“O Zord nasceu aos quinze anos. A rima nasceu aos doze. A primeira batalha da minha vida eu vi entre meus dois primos mandando um monte de rima decorada que eles tinham visto no YouTube e, pra mim, aquilo foi maravilhoso [...] e dali pra cá não conseguia avistar mais outra coisa [...] Meu sonho é esse, eu vou viver disso, não importa como.”



Assista ao vídeo do depoimento de **ZORD**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/phmpwz>

eu que mandei fazer pra comunidade, pra gente fazer a minha festa — todo ano eu faço a festinha de Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças, que é 12 de outubro, e também no dia de meu padrinho Cícero [...]”. Além da praça construída por Petrucio, na Grota Santo Amaro, que compõe o complexo Santa Helena, há uma quadra de futebol de chão batido que também é utilizada pelos moradores da Grota Monte Azul.

A forte presença da natureza e as belas paisagens que compõem a Grota Monte Azul é uma característica marcante e que inspira os moradores artisticamente, como a banda de pífano e o rap. Para Marcos Victor de Oliveira, conhecido como Zord, jovem rapper que participou do Digaê!, a beleza do local influencia na sua produção artística. *“Acho que a vista daqui é uma das mais bonitas de Maceió. Aqui tem um bambuzal que é muito difícil [ter] em qualquer grota dessas daí. Tem uma amplitude muito grande de vegetação, fauna e flora, que é totalmente rica. E eu acho que isso tudo impacta, com certeza, na minha arte, né? Se eu tô aqui no meio, se eu faço isso, quer dizer que isso me impõe algo.”*

“Aqui, eu cheguei há 47 anos. Eu cheguei aqui e tudo era mato, não tinha nada de casa; só tinha a da minha mãe ali na frente e essa do Valdomiro aqui.”



Assista ao vídeo do depoimento de **CÍCERO DE MAGALHÃES**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/thmpwz>



Assista ao vídeo do depoimento de **PETRUCIO VENÂNCIO**, produzido no contexto do Digaê! <http://tiny.cc/whmpwz>





Expressão Juvenil

As jovens e os jovens participantes do Digaê! se apropriaram de diversas técnicas e ferramentas de comunicação e mobilização social, com o intuito de experimentá-las na prática. A partir disso, puderam se expressar e intervir criativamente em suas comunidades, trazendo à tona temas relevantes e criar espaços de convivência, entretenimento e discussão política. Confira algumas ações realizadas:



GROTA LAMBE

A intervenção, realizada na Vila Emater II, tinha como objetivo difundir imagens positivas e valorizar a grota. Consistiu na produção e colagem de lambes em tamanho real com fotos de moradores pelos muros da comunidade.



MACEIÓ É MASSA PRA QUEM?

Com a intenção de chamar atenção para o problema do acúmulo de lixo nas grotas, os jovens criaram um cartão-postal sobre o tema e distribuíram a turistas e moradores de regiões nobres da cidade enquanto os provocavam a refletir sobre as desigualdades da cidade de Maceió.



VEM JUNTO QUEBRADA

O Vem Junto Quebrada foi um festival de talentos promovido por jovens do 2º ciclo do Digaê! Contou com a presença de artistas locais no júri e distribuiu prêmios para as melhores performances. Além disso, o evento contou com uma apresentação do Coco de Roda Ev — grupo local de cultura popular tradicional em Alc

O som das grotas

Nas grotas, não é o barulho do mar que se destaca. Lá, são outros os sons que compõem a trilha sonora cotidiana. O canto dos galos e dos passarinhos que despertam os moradores no raiar do dia, o brincar das crianças pelas ruas, vielas e escadarias, o passo apressado dos trabalhadores e estudantes, o carro do ovo e do pão, o reggae que toca na radiola ou o batuque dos tambores que expressam a fé e a cultura ancestral.

Cada pessoa tem uma relação afetiva e as memórias vão sendo construídas também a partir das percepções auditivas do território. Explorar com sensibilidade o ambiente sonoro das grotas nos permite, dentre outras coisas, romper com estereótipos que associam estas comunidades a desordem, violência ou catástrofes. Não que essas narrativas sonoras não coexistam nas grotas, mas elas não são as únicas. Aqui, vale a lição da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos”²⁴.

Os sons das grotas expressam a vida, o trabalho, as relações, a presença da natureza, mas contam também do abandono, da vulnerabilidade e da precariedade que persistem. O som das águas correndo, que em muitos contextos tranquiliza, denuncia o esgoto a céu aberto. O barulho da chuva, que inspira e emociona em outros cantos, aciona o pavor das enchentes e dos deslizamentos de barreiras.

Assim, os sons vão nos contando as histórias. No Digaê!, os jovens exploraram essa paisagem sonora das grotas a partir das suas vivências e afetividades.

Confira no podcast ‘O som das grotas’ um pouco dessa experiência.

²⁴ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ESCUTAR!

<http://tiny.cc/zhmpwz>



MEMÓRIA, DIREITO À CIDADE E LAMBE-LAMBE

O coletivo SIV, criado por jovens do Digaê!, tirou fotografias dos estudantes da escola Estadual Dr. Miguel Guedes Nogueira! e as transformou em lambes que deram outro visual para lá. A ação também rendeu uma roda de conversa com a galera sobre a vivência no bairro, a ocupação dos espaços públicos e todos os direitos que nos devem ser garantidos nesse percurso.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR AO VÍDEO DA AÇÃO!

<http://tiny.cc/1impwz>



FESTIVAL DIGAÊ! QUEBRADA

O festival, que levou entretenimento, arte e cultura para as grotas, teve duas edições — uma em cada ciclo do Digaê! A primeira aconteceu na Grota São Rafael e a segunda na Grota Canaã. Inteiramente protagonizado pelos jovens, os eventos contaram com música, graffiti, batalha de rimas, oficinas, gincanas e muita diversão.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR AO VÍDEO DO 1º FESTIVAL DIGAÊ

<http://tiny.cc/3impwz>



COBERTURA EDUCOMUNICATIVA: FESTIVAL CARAMBOLA

Um grupo de jovens mobilizadores do Digaê! fez a cobertura do Festival Carambola, em março de 2023. Na ocasião, conversaram com Lili Buarque, produtora do Festival, e com os artistas Allan da Costa e Huná sobre a importância de eventos culturais para a juventude de Maceió.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR AO VÍDEO DA COBERTURA

<http://tiny.cc/4impwz>



COBERTURA EDUCOMUNICATIVA: EVENTO SOBRE O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA

Os jovens mobilizadores do Digaê! também estiveram presentes no evento sobre o enfrentamento ao homicídio de adolescentes e jovens, promovido pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) Zumbi dos Palmares, em abril de 2023. Durante o encontro, os jovens conversaram com alguns ativistas sobre a violência letal que afeta, de forma ainda mais grave, as juventudes negras e periféricas.



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR AO VÍDEO DA COBERTURA

<http://tiny.cc/6impwz>

Menino da Vila, menino da ONU



A subida que leva até a Vila Emater II, nos arredores do antigo lixão de Maceió, não é das mais simples. No meio do caminho, entretanto, já é possível se deparar com uma das vistas mais bonitas da cidade: a imensidão do mar de Jacarecica está logo ali. Ao mesmo tempo que orgulha a comunidade, a paisagem também é motivo de preocupação, já que colabora para a especulação imobiliária na terra que há décadas faz com que famílias de catadores se vejam lutando pela moradia adequada e por melhores condições de vida.

Quem pode falar melhor sobre a Vila, no entanto, é Antônio Givaldo, jovem de 17 anos, adotado por sua avó materna, e que hoje é conhecido como o “o menino da ONU”. É assim que ele diz ser recebido na vizinhança após aparecer em um vídeo nas redes sociais do ONU-Habitat, em que conta sobre o seu lugar no mundo. “Eles me dizem: “Parabéns, Antônio! Lute sempre pela nossa comunidade”. Isso é bom. Você sente que o seu esforço tá valendo a pena”.

Antônio foi um dos participantes do Digaê! “O Digaê! mudou a minha vida. Foi uma experiência com jovens de diferentes grotas, que gostam de se envolver nos movimentos, uma diversidade grande. Eu via neles e replicava em mim. Eles eram um espelho de como eu queria estar hoje”, compartilha.

O território em que Antônio cresceu já simboliza, por si só, uma conquista

para a sua comunidade, que concilia a luta pela garantia de seus direitos ao desafio de fazer com que a coleta seletiva seja implementada no município. Isso tudo talvez explique o brilho que o jovem carrega nos olhos ao falar de onde vem, o carinho nas palavras ao frisar “minha comunidade representa tudo pra mim”.

Talvez justifique, também, as vontades que tem para o futuro dela, como a transformação do antigo lixão em um parque municipal. “A Vila era muito mal falada e ela não é isso. Tem cultura, diversidade, uma juventude talentosa, mães batalhadoras. Espero que os jovens daqui se interessem ainda mais em políticas públicas, no direito à cidade. Que eles tenham forças e vão na frente porque eu vou continuar lutando pela nossa comunidade até o fim da minha vida”.

UM 'EUZINE' PRA CHAMAR DE SEU!

O euzine é uma variação do fanzine — um tipo de publicação amadora, feita de modo artesanal por fãs de uma cultura particular e reproduzida por fotocópias. Surgiu nos Estados Unidos, na década de 1930, e ganhou o mundo se tornando uma forma de expressão para diferentes grupos. Basicamente, em um fanzine particular para falar sobre ideias, sonhos, interesses, desafios. A pergunta inspiradora é “quem sou eu?”

Se você ficou com vontade de fazer seu próprio euzine, acesse o vídeo da Camila Cabral, com dicas de como fazer a dobradura e deixe a criatividade fluir!

Antônio apresenta o “euzine” que produziu durante o Digaê!, enquanto compartilha suas ideias e sonhos para o futuro. Assista!



CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!

<http://tiny.cc/bimpwz>

CLIQUE OU ESCANEIE O QR CODE PARA ASSISTIR!

<http://tiny.cc/himpwz>







ONU HABITAT
POR UM FUTURO URBANO MELHOR

VISÃO
ALAGOAS
2030

digae!

VIRAÇÃO

Instituto Pólis

ALAGOAS
GOVERNO